

*P. Sérgio P. de Oliveira*



CRB

# REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

Ano IX - N.º 97  
Julho de 1963

# Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil

ANO IX

1.º DE JULHO DE 1963

N.º 97

## SUMÁRIO

	385	● S. S. Paulo VI
DOCUMENTOS	386	● A primeira mensagem de Paulo VI ao mundo, no dia de sua elevação ao Pontificado.
	391	● Autorizados os Institutos Superiores de Ciências Religiosas a conferir diplomas — Carta de S. Excia. Dom Helder Câmara, Secr. Geral da CNBB.
ATUALIZAÇÃO	393	● Orientações apostólicas — Vida religiosa, vida de oração — Pe. J. Galot, S. J.
PASTORAL CATEQUÉTICA	405	● A Catequese Eucarística em um mundo transformado — II — Pe. Dr. Frei Guido Vlasman OFM.
RECRUTAMENTO VOCACIONAL	415	● Organização do apostolado vocacional nas Províncias Religiosas — Pe. Olímpio Martins Ferreira SDB.
DIRETO DOS RELIGIOSOS	429	● Da passagem, do egresso e da demissão dos Religiosos (continuação) — Pe. Frei Francisco Xavier Bockey OFM.
MOVIMENTO DE NATAL	435	● A CRE e a Pastoral Regional do Nordeste — Pe. Tiago G. Cloim CSsR.
MUNDO MELHOR	440	● Superiores Miores do Brasil meditam sobre a renovação da vida religiosa — Conclusões.
COMUNICAÇÕES	445	● Clubes Serra de homens de negócio para ajudar Vocações Sacerdotais.
BIBLIOGRAFIA	445	● Concílio Vaticano II (Boaventura Kloppenburg), Psicologia (Regis Jollivet), — História da Filosofia contemporânea (Hirschberger), etc.

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil

Av. Rio Branco, 131, 9.º andar — Rio de Janeiro (ZC-21) — Brasil

Diretor Responsável: Pe. José Paulo Sales, C. M.

# S. S. PAULO VI

A 21 de junho p.p., festa do Sagrado Coração de Jesus, o mundo inteiro, unido pelas ondas do rádio, podia ouvir a grande notícia esperada com ansiedade: "Anuncio-vos — proclamava S. Emcia. o Card. Alfredo Ottaviani — uma grande alegria: temos Papa, o Eminentíssimo e Reverendíssimo Cardeal da Igreja Romana, João Batista, que se impôs o nome de Paulo Sexto". E da Praça de São Pedro, do coração de milhões de católicos, da humanidade tôda levantava-se como um hino de agradecimento e de aplauso, expressão de fé e de esperança no sucessor de Pedro, Chefe da Igreja.

Giovani Battista Montini, o nôvo Papa, nasceu na pequena cidade de Concesio (Itália), aos 26 de setembro de 1897. Ordenado sacerdote a 29 de maio de 1920, formou-se em Roma, iniciando seu ministério na Secretaria de Estado e como professor em Colégios Eclesiásticos de Roma. Desde 1940 começou a trabalhar como Pró-Secretário de Estado de S.S. Pio XII, juntamente com Mons. Tardini.

Nessa tarefa, em contato sempre com o grande Papa Pio XII e com as maiores personalidades eclesiásticas e civis, salientou-se pela inteligência, organização e ação apostólica, que o tornaram uma das personalidades eclesiásticas mais conhecidas e admiradas.

Apesar de ter recusado as honras cardinalcias, em 1954 foi consagrado Arcebispo da grande diocese de Milão, onde revelou também seus grandes dotes de Pastor de almas.

Assume agora o Supremo Pontificado como diplomata e pastor, prometendo continuar a obra de João XXIII, e tornando-se cada vez mais o símbolo da confiança e da esperança que os homens de tôdas as nações e raças depositam no Chefe da Igreja Católica.

Em sua mensagem, no dia da solene coroação, assim se expressava, em português, dirigindo-se para nós: "Enviamos as Nossas saudações a todos os diletos filhos de língua portuguesa. Saudamos os de Portugal — terra de Santa Maria — onde a Mãe de Deus erguera o altar de Fátima. Saudamos os filhos do Brasil — terra de Santa Cruz — do qual conservamos felizes recordações na viagem que lá fizemos. A todos o Nosso paternal affecto".

A êle as homenagens filiais dos Religiosos e Religiosas do Brasil, unidos na oração a Deus para que "conservet eum et vivificet eum, et beatum faciat eum in terra", para a santificação nossa e maior glória da Igreja.

**A PRIMEIRA MENSAGEM DE PAULO VI AO MUNDO**  
**no dia de sua elevação ao Supremo Pontificado**

Veneráveis Irmãos e amados filhos de todo o mundo.

Neste dia, dedicado ao doce Coração de Jesus, no momento de assumir o "officium pascendi Dominici gregis (o ofício de apascentar o rebanho do Senhor), que segundo Santo Agostinho deve ser sobretudo "amor", em um exercício de paternal e solícita caridade para tôdas as ovelhas redimidas pelo mui precioso sangue de Jesus Cristo, o primeiro sentimento que, entre outros, surge de Nosso coração é o de uma confiança na onipotente ajuda do Senhor.

Ele, que indicou sua adorada vontade através do consentimento de Nossos Veneráveis Irmãos, os Padres do Sacro Colégio, poderá infundir em Nossa alma, tão angustiada ante a vastidão da tarefa imposta, o incansável fervor por Sua glória, o esforço missionário, para a universal, clara e persuasiva propagação do Evangelho.

**Predecessores**

No começo de Nossa ação pontifical, a recordação de Nossos predecessores, que Nos deixaram uma sagrada e gloriosa herança espiritual, é amável e agradável à Nossa alma.

Pio XI, com sua indomável fôrça espiritual; Pio XII, que esclareceu a Igreja com a luz de um ensino repleto de sabedoria, e, finalmente, João XXIII, que deu ao mundo todo o exemplo de sua singular bondade.

Agrada-Nos, contudo, com piedade reconhecida e emocionada, evocar de modo particular a figura do pranteado João XXIII, o qual, no transcurso de seu breve porém intenso ministério, soube ganhar o coração dos homens, inclusive dos mais afastados, mediante incessante solicitude, sua bondade sincera e concreta para com os humildes e o caráter eminentemente pastoral de sua ação. A tais qualidades há de se acrescentar o encanto particular dos dons humanos de seu magno coração.

O brilho refletido nas almas foi a passagem da claridade para outra claridade, maior, até o supremo sacrifício de si mesmo, suportado com essa fortaleza de alma que emocionou o mundo, que congregou todos os homens em tórno de seu leito de dor, unindo-os "cor unum et anima una" em um único movimento de grande respeito, de veneração e de oração. A herança que recebemos das mãos de Nossos predecessores Nos mostra claramente a gravidade do encargo que se apresenta perante Nós. Recordando as palavras de São Leão, o grande, Nosso antecessor, "respicientes ad exiguitatis nostrae tenuitatem et ad suscepti muneris magnitudinem, etiam nos illud propheticum debemus proclamare" — Senhor, ouvi tua palavra e tremi... Considerarei tua

ação e tremi. . . Mas, ao contar com a intercessão de sacerdote todo poderoso que, semelhante a Nós mesmos e igual ao Pai, inclinou a divindade até os homens e elevou a humanidade até Deus, nos alegramos, de modo digno e piedoso, do que o Altíssimo quis decidir.

### **O Concílio**

A parte mais importante de Nosso pontificado estará consagrada à continuação do Segundo Concílio Ecumênico do Vaticano, para o qual se voltaram os olhares de todos os homens de boa vontade. Esta será a obra principal à qual Nos propomos dedicar tôdas as energias que o Senhor nos concedeu, a fim de que a Igreja Católica, que brilha no mundo como um estandarte erguido sôbre tôdas as nações longínquas, possa atrair para o seu seio todos os homens, mediante a majestade de seu organismo, a juventude de seu espírito, a renovação de suas estruturas, e multiplicidade de suas fôrças, "Veniant ex omni tribu et lingua et populo et natione" — de todos os povos, de todas as línguas de tôdas as nações.

Este será o primeiro desígnio do ministério pontifício, para que seja assim proclamado, cada vez mais alto perante o mundo, que a salvação esperada e desejada se encontra tão sômente no Evangelho de Jesus, pois não existe sob o céu outro nome entregue aos homens para sua salvação. É sob essa luz onde se situa o trabalho para a revisão do Código de Direito Canônico, a continuação dos esforços, na linha das grandes encíclicas sociais de Nossos antecessores em prol da consolidação da justiça na vida cívica, social e internacional, dentro da verdade, da liberdade e no respeito dos deveres e direitos recíprocos.

### **Os países subdesenvolvidos**

O imperativo do amor do próximo, pedra de toque do amor de Deus, exige de todos os homens uma solução mais equitativa dos problemas sociais, bem como medidas em favor dos países subdesenvolvidos, nos quais reina um nível de vida que, com frequência, não é digna da pessoa humana. Aquêlê imperativo impõe um estudo pleno de boa-vontade, realizado em escala mundial, para melhorar estas condições de vida.

A nova época, aberta à humanidade pelas conquistas espaciais, será bendita pelo Senhor se os homens souberem reconhecer que são irmãos entre si, antes de serem competidores mútuos e se souberem edificar a ordem no mundo, no temor de Deus e no respeito de sua lei: na luz da caridade e da colaboração de todos.

### **A paz entre os povos**

Nossa obra, com a ajuda de Deus, terá por objetivo lograr, vigorosamente, a manutenção do grande bem da paz entre os povos. Paz que não é apenas ausência de rivalidades guerreiras ou de facções armadas, mas um reflexo de ordem querida por Deus, Criador e Redentor, vontade construtiva e tenaz de compreensão e de fraternidade, manifestação de tôda prova de

boa-vontade, desejo incessante de concórdia inspirada pelo bem verdadeiro da humanidade, com uma caridade não dissimulada (2 Cor 6, 6).

Neste momento, em que tôda a humanidade volta a vista para esta cátedra de Verdade e para aquêles que foi chamado para representar o Divino Salvador na terra, não podemos mais do que renovar o apêlo em favor do entendimento leal, franco, cheio de boa vontade, que possa unir os homens no respeito recíproco e sincero, o convite a fazer todos os esforços para salvar a humanidade, para favorecer o desenvolvimento pacífico dos direitos que Deus lhe deu, e facilitar sua vida espiritual e religiosa, a fim de levá-la à adoção mais viva e sentida do Criador.

Não faltam sinais alentadores que nos vêm dos homens de boa-vontade. Por isso agradecemos muito ao Senhor, enquanto que oferecemos a todos Nossa serena porém firme colaboração para a manutenção do grande dom da paz no mundo.

### **A unidade**

Nosso serviço pontifical quererá, por certo, prosseguir com a maior solicitude a grande obra, iniciada com tanta esperança e sob tão felizes auspícios por Nosso predecessor, João XXIII: a realização do "Unum sint" (Jo, 17,21), tão esperada por todos e pela qual ofereceu sua vida. A aspiração comum para restabelecer a unidade, dolorosamente rompida no passado, encontrará em Nós o eco de uma vontade ardente e de uma prece comprida na consciência da tarefa que Jesus Nos confiou: "Simão, Simão... rogo por ti, para que tua fé não vacile e tu a confies a teus irmãos" (Lc 22, 31-32).

Abrimos Nossos braços a todos aquêles que veneram o nome de Jesus. Nós os chamaremos com o doce nome de irmãos e queremos que saibam que encontrarão em nós constante compreensão e benevolência; encontrarão em Roma a casa de seu padre que sublimiza e enriquece com renovado esplendor o tesouro de sua história, de sua herança cultural, de seu legado espiritual.

### **Veneráveis Irmãos e amados filhos**

A imensidade da tarefa que espera Nossas pobres fôrças é tal que aterra ao humilde sacerdote promovido a tão supremas alturas, porém dedicaremos a ela Nossa oração assim como Nosso esforço diário. Necessitamos, contudo, de vossa colaboração e vossa invocação. E esta invocação se eleve incessantemente a Deus.

Por isso enviamos um comovido pensamento de gratidão a todos os filhos da Igreja Católica, que está dando ao mundo o testemunho de sua fé, o espetáculo de sua união, o régio esplendor de sua dignidade, porque "os discípulos de Cristo — como disse Clemente de Alexandria — são reis em virtude de Cristo Rei".

### **Sacro Colégio**

Saudamos em primeiro lugar a todos os ilustres membros do Sacro Colégio que compartilharam conosco a ansiedade e as orações dêstes dias

de espera. Expressamos Nossa particular benevolência aos Veneráveis Irmãos do Episcopado do Oriente e Ocidente, os quais, em todos os continentes, "em nome de Cristo, portanto, atuam como embaixadores, pois em verdade é vontade de Deus que fossem seus instrumentos", e nós já saboreamos antecipadamente a felicidade de alcançá-los a todos na segunda parte do Concílio Ecumênico.

Desejamos especialmente expressar nossa estima à Cúria Romana, cuja tarefa, tão repleta de honras e responsabilidades, é prestar sua estreita colaboração ao Vigário de Cristo. Estamos seguros de que seu meritório trabalho é de grande valor para Nós, porque conhecemos diretamente, e por longo tempo, sua diligência, o "sentido da Igreja" e a descrição de sua ação, e mui singularmente tivemos ocasião de apreciá-la, junto com todos os bispos, durante a etapa preparatória do Concílio e em sua realização posterior.

### **Sacerdotes paroquiais**

Dirigimo-Nos particularmente aos sacerdotes paroquiais, êsses abnegados religiosos que dedicam sua vida à ampliação do reinô de Deus na terra; não olvidamos tampouco as almas consagradas a Deus em orações e na ativa e múltipla caridade.

Ao iniciar a missão pontifical não podemos deixar de dirigir um afetuoso abraço aos amados filhos da diocese romana que tão vigorosamente apoiaram o trabalho pastoral de Nosso predecessor. Acreditamos firmemente que êles, ao responder à Nossa caridade com caridade continuarão dando os felizes frutos de virtude, em vista de que os olhos dos católicos de todo o mundo estão fixos nêles porque êles são os que mais próximos estão do trono de Pedro.

Comovidos pela doçura das recordações, enviamos uma saudação repleta de especial afeto aos amados filhos da que nos últimos anos fôra Nossa Arquidiocese de Milão, a quem tanto amamos e de quem recebemos tanto consôlo, assim como às suas crianças, tão queridas por Nós.

Nossos pensamentos se dirigem também à Nossa amada diocese nativa com o desejo de que permaneça para sempre fiel ao Evangelho de Nosso Senhor, a tudo quanto lhes represente honra, graça e nobreza nas humanas relações da vida.

### **Os direitos**

Queremos, em particular, que os irmãos e os filhos das regiões nas quais a Igreja não pode exercer seus direitos, Nos sintam muito perto dêles. Foram chamados a participar de mais perto da Cruz de Cristo, à qual — estamos seguros — sucederá a alvorada radiante da ressurreição. Poderão assim recobrar lentamente o pleno exercício do seu ministério pastoral, o qual, pela sua própria instituição, é exercido não apenas em benefício das almas, como também das nações em que vivem. E'-Nos, ademais, grato alentar e dar a bênção, de todo coração, aos mui estimados missionários, menina de nossos olhos, os quais, em todos os continentes e nos avanços da Igreja, difundem o Evangelho de Jesus.

Que saibam glorificar-se sempre, com a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, suportando com amor as eventuais contrariedades e provas, na segurança de que a ajuda de Deus não faltará jamais aos que viverem e trabalharem só para Ele.

### **Ação Católica**

Devemos dirigir particular elogio aos membros da Ação Católica, que ajudam, no apostolado, a hierarquia eclesiástica, bem como aos que prestam seu concurso a tôdas as organizações de caráter nacional e internacional.

### **Aos que sofrem**

Abraçamos, depois, com paternal caridade, os que sofrem, enfêrmos, pobres, presos, exilados e refugiados.

Saudamos, finalmente, todos os nossos filhos em Jesus Cristo, entre os quais Nos apraz evocar especialmente a juventude vibrante e generosa, na qual se apoia a sólida esperança de um futuro melhor, a infância inocente, as almas puras e simples, os humildes e os grandes da terra, todos os artezões e operários, dos quais tanto conhecemos e apreciamos o trabalho, os homens que se consagram à cultura e ao estudo, ao ensino e à ciência, os jornalistas e publicitários, os políticos e chefes de Estado, rogamos para que todos e cada um dêles, em seu pôsto de responsabilidade, dêem sua contribuição para que seja didata uma ordem cada vez mais justa nos princípios, mais eficaz nas aplicações das leis, mais sã na ordem de ainda maior defesa da paz.

### **A fôrça divina**

Que sôbre o mundo inteiro passe uma chama de fé e de amor que alcance todos os homens de boa vontade, iluminando as vias de recíproca colaboração que atraia mais e mais sôbre a humanidade a abundância da benevolência de Deus, a própria fôrça divina, sem a ajuda da qual nada é válido nem santo.

### **Consumação dos séculos**

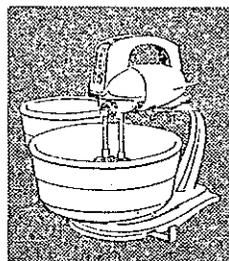
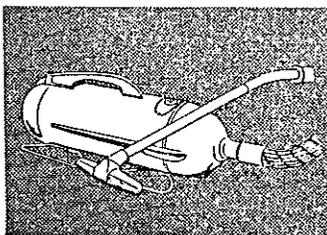
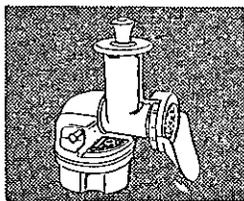
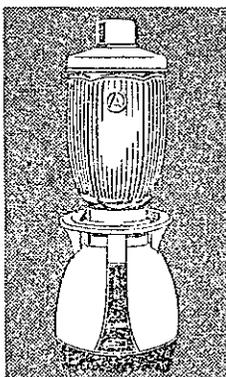
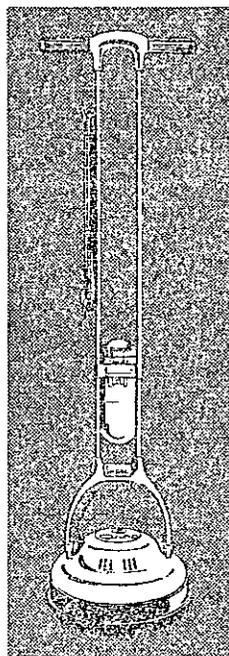
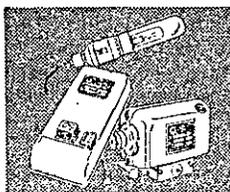
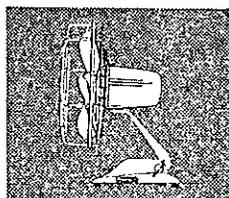
No momento de empreendermos o Nosso grave ministério, estamos sustentados pelas palavras reconfortantes de Jesus, que prometem a Pedro e aos seus sucessores ficar com a Igreja, "até a consumação dos séculos" (Mt 28,20), estamos apoiados pela proteção maternal da bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, à qual Nos confiamos desde o início de Nosso pontificado. Estamos apoiados também pela ajuda e pela prece dos apóstolos Pedro e Paulo e de todos os santos.

Como prenda desta celeste assistência, e como um reconfortante alento para as boas energias esparsas no mundo, é-Nos grato dar-vos, como uma primícia de Nossa benevolência paternal, a vós, veneráveis irmãos e queridos filhos e à humanidade inteira, a bênção apostólica, em nome do Senhor.

# MAIS CONFÔRTO

com os  
Aparelhos  
Domésticos

# ARNO



- A marca diz tudo!

# ARNO

**ORIENTAÇÕES APOSTÓLICAS**  
**Vida religiosa, vida de oração (\* )**

**Pe. J. Galot, S. J.**

**Revisão**

1.º — Em sua obra sôbre a "Promoção apostólica da religiosa", Sua Emcia. o Cardial Suenens convida as religiosas a uma revisão de vida, a nôvo exame de seu método de oração, assim como das atividades apostólicas.

2.º — A crise de recrutamento que afeta certo número de Congregações religiosas em nossa época, provém de várias causas, mas, resulta certamente, em medida, aliás difícil de se precisar, de um fôssô cavado entre a mentalidade atual dos jovens e vários aspectos da vida religiosa, muito tributários do passado. Esta crise convida a uma revisão.

3.º — Desejaríamos considerar aqui a acomodação da vida de oração nos Institutos apostólicos e destacar alguns princípios concernentes a uma revisão. Talvez as religiosas sejam tentadas de objetar que um método de oração tem sempre seu valor. Mas, outras compreenderam a necessidade de uma revisão, mesmo nesta matéria, e já a empreenderam. E' que, com efeito, a vida espiritual, em tôda a Igreja e nas Comunidades religiosas, está em via de desenvolvimento. De um lado é preciso levar em conta a evolução do mundo com a mentalidade das novas gerações; de outro lado, o desenvolvimento da própria Igreja, de sua doutrina, culto e apostolado. As Congregações religiosas não podem permanecer fora dêstes movimentos. Se os princípios gerais da vida espiritual permanecem imutáveis, as aplicações devem-se adaptar. Cada Instituto poderá, então, útilmente perguntar a si próprio se possui um método de oração que convém ao nosso tempo, assim como a seus próprios objetivos.

4.º — Revisão não significa uniformização. Deve-se continuar a reconhecer a legítima diversidade das vocações religiosas e dos apelos à oração. Assim, dizíamos que cada Instituto deve levantar a questão em função do espírito que o anima e dos fins a alcançar. Longe de querer mudar-lhe a natureza ou o objetivo, deve-se experimentar como melhor realizá-los por fidelidade a uma vocação primária melhor compreendida.

5.º — Aliás, há na Igreja uma diversidade de espiritualidade sempre

---

\*) Este artigo foi publicado em "Revue des communautés religieuses", a 35.º, n.º 2.º, março — abril de 1963, às págs. 73-87. — Considerando-o uma das melhores contribuições positivas para o livro "Promotion apostolique de la religieuse", providenciamos a sua tradução. Os números são nossos. Fr.X.

tida por legítima. São Paulo já sublinhara a variedade dos carismas ou dons espirituais, acrescentando que provinham de um só e mesmo Espírito e não prejudicavam à unidade (1). Unidade não implica uniformidade; a Igreja deve conservar em seu seio uma diversidade que constitui riqueza para si.

6.º — E' nesse respeito da diferença das vocações religiosas que desejaríamos esboçar algumas linhas gerais de orientação. Insistiremos nos elementos comuns, permanentes, do sistema de oração.

7.º — O problema da conduta actual da vida de oração nos Institutos religiosos já foi estudado sob seus diversos aspectos, no volume **La prière**, da coleção: "**Problemas da religiosa de hoje**"; nesse volume, editado em 1959, encontram-se ecos de transformações operadas por certos Institutos. Na mesma coleção, o volume consagrado ao **apostolado** (1957) considera igualmente as relações entre vida apostólica e vida interior. Em sua obra de reflexão tão penetrante acêrca da vida religiosa, confrontada com o mundo moderno: **Equilíbrio e adaptação** (1960), Monsenhor Huyghe aborda a questão da oração das religiosas em páginas que merecem ser meditadas.

Não somente levaremos em conta êstes estudos, mas daremos uma atenção especial às diretrizes actuais da Sagrada Congregação dos Religiosos nesta matéria (2); estas diretrizes valem para tôdas as famílias religiosas.

### ○ Sentido da Oração

8.º — Importa antes de tudo, bem lembrar o sentido da oração na vida religiosa. Esta oração é necessária ao apostolado, tanto às qualidades da actividade apostólica quanto a sua fecundidade nas almas. Uma actividade apostólica não se pode manter no plano sobrenatural se não fôr nutrida pela vida de oração; e, de outro lado, a oração antes da acção, é o primeiro serviço que deve ser prestado às almas. Por isso, em uma revisão, não pode haver questão de sacrificar a oração ao apostolado. Haverá necessidade de ver, antes, se o método de oração está bem adaptado ao gênero de apostolado e se é capaz de animar a actividade apostólica.

9.º — Importa observar todavia, que o fim primário da oração dos religiosos não é alimentar-lhes o apostolado. A oração é uma exigência primordial de sua consagração a Deus. Ela tem por primeiro objetivo, traduzir êste dom total de uma alma ao Senhor. "Deus, acentua Mons. Huyghe, é a justificação primeira e última da oração" (3). Pela oração e, mais exactamente, pelos que se chamam tempos fortes de oração ou exercícios espirituais, os religiosos aceitam nada fazer, senão pôr-se na presença de Deus, pensar Nêle, invocá-LO ou dialogar com Êle. Deixam de lado qualquer outra

(1) I Cor, 12 4-11.

(2) Cfr. E. GAMBARI, S.M.M. *Directives actuelles de la S. C. des Religieux concernant la prière des religieuses* — Diretrizes actuais da S.C. dos Religiosos concernentes à oração das religiosas, em *La Prière*, p. 133-159.

(3) Op. cit., p. 120 — Ver também Ign. VAN WYNSBERGHE, O.P., — *Ap. pelés a la prière*, R.C.R. — 1959, 121-125.

ocupação e só querem olhar em direção ao Senhor. Dêste modo, exprimem a Deus um amor em que entregam todo o ser, notadamente as faculdades superiores do pensamento e da vontade. Os momentos reservados à oração são aquêles pelos quais os religiosos existem unicamente para Deus, e dão êsse testemunho que Deus merece que se deixe tudo por Êle, que se lhe pertença sem reserva.

10.º — Numa época que se caracteriza pela corrida desenfreada para ganhar tempo, as comunidades religiosas não hesitam em perdê-lo, porque a oração é um tempo perdido em Deus. Elas o fazem, aliás, em nome da humanidade que ordinariamente não pode ou não procura tempo para pensar em Deus, para falar-Lhe.

11.º — Pela consagração, os religiosos procuram realizar, seguindo o plano divino de sua vocação própria, a união a mais íntima, a mais absoluta com o Senhor. Ora, é na oração, quando se esforçam por não serem açambarcados por outra coisa, que esta união toma consistência. Rezar, é querer voltar-se unicamente para Deus, abrir-lhe completamente a alma.

12.º — É pela oração, antes de tudo, que a consagração religiosa efetua de mais a mais profundamente o que ela quer ser. Pela oração, Deus toma progressivamente posse do coração; faz da alma religiosa seu reino. Êsse reino, essa posse das almas, é o fim da obra da salvação. Compreende-se, pois, porque a oração não é simples meio de apostolado; ela tem certamente um grande papel apostólico, mas seu primeiro objetivo é de entregar a Deus a alma daquele que reza e de contribuir, assim, para que realize o seu destino.

A Sagrada Congregação dos Religiosos sempre estimou a oração como elemento primordial da vida religiosa, mesmo nos Institutos fundados em vista do apostolado (4).

Por isso, uma revisão do método de oração não poderia ter por fim reduzir ao mínimo o tempo dado à oração, para conceder o máximo ao apostolado. É preciso ver, sobretudo, se o método em vigor permite atingir o fim visado, a união dos religiosos com o Senhor, e assim, o progresso na caridade e melhor disposição sobrenatural ao apostolado.

### Formação à oração pessoal

13.º — Qualquer que seja o método de oração adotado, todo Instituto religioso deve procurar dar aos seus membros, sólida formação à oração pessoal. Os religiosos não se podem contentar com ritos exteriores na recitação de orações vocais ou no canto do Ofício. Uma recitação material seria totalmente insuficiente. "Não permitais, Senhor, que aquêles que vos falam se contentem de o fazer só com os lábios", dizia Santa Teresa de

(4) Cfr. GAMBARI, art. cit. p. 135 s. A Instrução *Cum Sanctissimus* de 19 março de 1948, acerca dos Institutos Seculares, supõe que nêles se cumprem "êstes exercícos de piedade e de abnegação, sem os quais a vida perfeita poderia ser qualificada de vã ilusão". (R.C.R., 1948, 167).

Avila (5). E acrescentava que não compreendia como se poderia pretender separar a oração vocal da oração mental (6). Finalmente, tudo o que é oração não adquire valor senão na medida em que exprime uma vontade pessoal de impulso para Deus.

14.º — Ora, se é bastante fácil ler, recitar, cantar orações, é mais difícil dar-lhe alma, isto é, passar para elas sentimentos verdadeiramente pessoais. Não é mais fácil guardar e intensificar a atenção em Deus na oração, quando o movimento da alma não está sustentado por uma fórmula de oração. Faz-se necessário uma educação. Aprender a rezar e a rezar pessoalmente, tal deve ser o fim essencial do noviciado, assim como dos anos posteriores de formação (7).

15.º — Além de uma iniciação nos métodos de meditação, esta formação comporta introdução à oração, isto é, à oração mais diretamente dialógica e contemplativa, mais livre em sua expressão e mais desprendida de quadros e de fórmulas. Todo religioso deve exercitar-se na oração, tentar encontrar a Deus de maneira mais íntima, numa linguagem em que, antes de repetir palavras de outrem, exprima o próprio pensamento e o fundo do seu coração. Deve também aprender, por experiência pessoal, os sacrifícios pedidos por Deus na oração: a aridez e a insensibilidade aparente, a obscuridade da fé, a impressão do vazio e da inutilidade, o pêso das distrações. Notamos que vazio íntimo, *secura*, distrações, afetam igualmente as orações vocais ou o ofício, mas observam-se, então, menos facilmente, porque a atenção está voltada para o cumprimento material da recitação ou do canto. A meditação permite mais ao religioso, tomar consciência de sua miséria espiritual em sua união com Deus e pede uma perseverança mais firme.

16.º — Acontece que uma Superiora julgue suas religiosas incapazes de fazer meditação. Pensará em substituí-la por orações vocais ou Horas do Ofício. De fato, almas chamadas à consagração total são normalmente capazes, com a ajuda da graça, de verdadeira intimidade pessoal com o Senhor, e, pois, de oração. Não é aliás, consignando-lhes orações exteriores que se lhes faria rezar melhor. Mas é preciso encarar os meios de desenvolver, de estimular a meditação e a oração pessoal.

17.º — Entre êstes meios, há especialmente a melhor formação doutrinal, bíblica e litúrgica, e a inserção da comunidade em um movimento vigoroso de espiritualidade. No passado, bom número de religiosas receberam formação doutrinal muito elementar e cultura religiosa sem horizonte. Atualmente foi empreendido grande esforço para remediar a isso.

18.º — Assinalaremos aqui o papel da leitura espiritual, não para substituir a meditação — salvo em casos extraordinários — mas para alimen-

(5) *Chemin de la Perfection* — Caminho da Perfeição, em Obras Completas, trad. de Grégoire de Saint-Joseph, Paris, (Seuil), 1948, p. 696.

(6) *Op., cit.*, p. 707.

(7) *Ver Le Prière*, págs. 227-277. E. BERGH, S. J., *Formation des novices à l'oraison*, (Formação das noviças à oração) — R.C.R., 1959. 27-31. 81-84.

tá-la. Um enriquecimento de conhecimentos espirituais determina, normalmente, um progresso nas disposições afetivas. Quer se trate da leitura da Sagrada Escritura e de comentários autorizados, ou da leitura dos clássicos da espiritualidade, obras recentes e sólidas, biografias sérias, as almas podem tirar muito proveito. Pode-se, neste assunto, exprimir ainda duplo desejo: a diminuição progressiva das leituras comuns, geralmente menos frutuosas, e o acréscimo regular das bibliotecas (8).

19.º — Quanto tempo deve ser consagrado à meditação? É interessante notar que as Normas publicadas em 1901 pela Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, pediam “geralmente” meia hora pela manhã e meia à tarde (art. 154). As Normas dadas em 1940 pela Propaganda para as Congregações Diocesanas das Missões, falam de meia hora (art. 73).

20.º — Pode-se, sem dúvida, dizer que meia hora é um tempo suficiente para assegurar bom contacto com o Senhor. Em muitos Institutos prevêem-se uma ou duas horas. A vantagem de uma hora inteira, é de permitir aprofundar o assunto da meditação e abandono total à intimidade divina; a vantagem de uma segunda meia-hora ao entardecer, pode ser, de reservar à meditação o momento em que o impulso para Deus e a atenção à oração são mais fáceis.

21.º — Os momentos especialmente consagrados à meditação devem favorecer uma vida de oração permanente nos religiosos. “A vida religiosa, acentua Mgr. Huyghe, deve ser uma escola contínua da oração e da vida de oração” (9). Por isso, é preciso lembrar freqüentemente aos religiosos o esforço pessoal que devem fazer para permanecer unidos a Deus em tôdas as circunstâncias e trabalhos. É preciso igualmente, perguntar se esta vida de oração é sustentada durante o dia, particularmente por uma ou outra breve visita ao SSmo. Sacramento. Esta visita é uma ocasião de tomada de contacto, de repor-se na presença do Senhor, e de livre diálogo pessoal com êle. Encontram-No, assim, na realização de seu plano universal de Redenção.

22.º — Notemos enfim, que é preciso não opor o pessoal ao comunitário. Pessoal, opõe-se ao comum, ao que seria simples manifestação do Instituto. Mas, o autêntico valor comunitário da oração nos Institutos religiosos depende, finalmente, da atitude pessoal da caridade comunitária de seus membros e não unicamente das atitudes exteriores comuns. Todo desenvolvimento da oração pessoal e da união com Deus traz o desenvolvimento dêste espírito de caridade comunitária.

### A Missa, Centro do dia do Religioso

23.º — Ministério que resume e renova tôda a obra de Redenção, a missa deve-se encontrar no centro da vida espiritual dos religiosos. Em sua consagração, fizeram ao Senhor a oferenda de si próprios. Mas esta oferenda só

---

(8) Conhece-se o feliz esforço realizado atualmente na França para guiar as Superiores na compra de livros úteis. *Os Eléments de Bibliographie* (61, rua N.D. des Champs, Paris VIe) lhes prestam êste serviço.

(9) Op. cit. p. 111.

encontra sua verdadeira consistência no íntimo da de Cristo. E como esta toma, em cada missa, nova atualidade, assim a oferenda do religioso nela adquire nova realidade, mais profunda. Unindo-se à oferenda do altar o religioso torna-se fundamentalmente consagrado. O Cristo que associa todo o Corpo Místico a seu sacrifício, atrai a si especialmente as comunidades de almas votadas a Ele.

24° — Por isso, os Institutos religiosos devem estimular os seus membros à participação da missa. No caso em que algumas religiosas se encontrassem em um lugar onde não há missa diariamente, as Superiores deveriam fazer o possível para lhes assegurá-la. O desenvolvimento dos meios de comunicação já não permite considerar como irremediáveis estes casos de isolamento; mesmo a aquisição de um carro seria justificável para este fim.

25° — A respeito da participação à missa, o Cardeal Suenes nota como a renovação litúrgica é uma graça para as casas religiosas tanto quanto para os fiéis (10). Deve-se, pois desejar que as religiosas aproveitem das formas comunitárias e dialogadas de assistência à missa, tais como se desenvolveram no decorrer dos últimos anos. Um duplo cuidado parece dever guiar a adoção destes métodos. De um lado convém evitar a uniformidade, em guardar uma certa variedade na maneira de associar a comunidade religiosa à missa. De outro, é preciso permanecer nos limites da discricção, de modo que os comentários ou as recitações comunitárias não sufoquem nem incomodem a oração pessoal.

26° — As Superiores devem geralmente vigiar por tornar possível a comunhão cotidiana durante a missa. Assegurarão um tempo conveniente à ação de graças. Acontece que, imediatamente após a missa, algumas Comunidades rezam Terça, encurtando assim a ação de graças. Instantes de silêncio e de recolhimento seriam entretanto preciosos, durante os quais, segundo as recomendações da encíclica "Mediator Dei", os comungantes "demoram em íntima familiaridade com o Redentor" (11). Se há momento em que a oração pessoal seja altamente desejável, é o da ação de graças. A comunhão, sendo dirigida a cada um pessoalmente, pede por sua vez uma resposta pessoal (12).

Notemos, além disso, que se as religiosas não têm o cuidado de reservar ao Senhor alguns momentos de ação de graças após a missa, não terão, por sua vez, zelo para educar neste sentido o povo cristão.

### O Ofício

27° — No decorrer dos últimos anos, muitas Congregações examinaram seus costumes, a este respeito. O problema é complexo, pois visa a adoção total ou parcial da recitação coral ou privada de um ofício a escolher — o grande Ofício, ou o da SSma. Virgem, ou um dos numerosos formulários recentes.

(10) Op. cit., p. 145.

(11) Encíclica *Mediator Dei*, sobre a Liturgia, Ed. Bonne Presse, p. 49.

(12) Ver nosso estudo: *Le sens de l'action de grâces après la communion*, "O sentido da ação de graças após a comunhão". R.C.R., 1960, 73-86.

28° — As soluções adotadas apresentam também grande variedade (13). Em geral, demonstrou-se simpatia por maior participação, pelo Ofício, à vida litúrgica da Igreja.

29° — Há lugar, entretanto, para fazer uma constatação bastante óbvia: as religiosas "apostólicas, professôras, hospitaleiras, educadoras paroquiais, não são, por vocação, delegadas à oração pública como as monjas. E seu próprio dever de estado se acomoda melhor com a recitação coral em horas fixas e em diferentes momentos do dia".

30° — É interessante lembrar, a propósito, a declaração do Cardeal Larraona às Superiores Gerais. Falando da adoção do Ofício divino, em lugar do da SSma. Virgem, enumerava entre as condições requeridas, "que o apostolado das religiosas não seja estorvado, nem seu dia muito carregado com a recitação do Ofício divino" (14).

31.° — O Cardeal Suenes propõe recitar em comum Laudes e Vespers, "orações litúrgicas por excelência", e de deixar facultativas as outras Horas do Ofício (15). Algumas Congregações adotaram como oração da noite a reza de Completas. Sabe-se que o Código das rubricas de 1960, art. 147, pronunciou-se neste assunto. Aconselha-se na recitação coral ou comum, dizer Completas como última oração do dia, e de nela introduzir o exame de consciência, durante um tempo conveniente.

32.° — Fora do caso do Grande Ofício impôsto pelas Constituições (c. 610), o uso da língua materna, nos textos aprovados, recomenda-se geralmente por melhor compreensão das fórmulas e penetração mais intensa nos sentimentos que exprimem. Entretanto, o latim continuaria preferido nas grandes Comunidades internacionais compostas de religiosas de idiomas diferentes. De resto, a reforma litúrgica, prevista pelo Concílio, nos trará certamente normas concernentes ao uso das línguas nacionais, no Ofício como na missa.

33.° — É necessário formação bíblica e litúrgica para que o Ofício nutra a alma e a coloque em uníssono com a oração do Cristo pela Igreja. Até a forma exterior e o tom da voz têm importância tanto para os que rezam como para os que escutam rezar. O Cardeal Suenens observa que não se veria bem uma jovem de hoje, atraída pelo tom superagudo... de certos recitativos (o.c. p. 146). Uma dicção natural, ao contrário, favorece a oração e edifica os ouvintes.

#### As orações vocais

34.° — Em que medida as orações vocais são desejáveis entre os

(13) A. M. ROGUET, O. P., *Les différentes formes de la prière choral actuellement en usage* (As diferentes formas da oração coral atualmente em uso), em *LA PRIÈRE* (o.c.) p. 213-223.

(14) *Acta et Documenta Congressus Internationalis Superiorissarum Generalium*, Roma (Ed. Paulina) 1952 — p. 268.

(15) O. c., p. 146..

exercícios espirituais da vida religiosa? O Cardeal Suenens acha normal que, no começo da vida religiosa, "uma parte maior seja dada à oração vocal e aos exercícios comunitários a fim de criar hábitos de oração; acrescenta que" o progresso espiritual alargará a parte reservada à oração pessoal" (16).

35.º — Essa tendência, assás restrita, foi confirmada pelas diretrizes da Sagrada Congregação dos Religiosos: "A multiplicidade das orações vocais, observa o Padre Gambari, não é do espírito da Santa Sé"; e "não é necessário multiplicar os exercícios exteriores de piedade a fazer em comum" (17). A Sagrada Congregação quer particularmente evitar que "a multiplicidade das orações vocais, prejudique a meditação e os encontros da alma com Deus na visita ao SSmo. Sacramento, na ação de graças após a comunhão, etc.". Quer ao mesmo tempo, deixar uma função à iniciativa pessoal na oração (18).

36.º — Acontece algumas vêzes que Comunidades religiosas se agrupem regularmente diante do Tabernáculo para recitar uma sequência dispartada de orações vocais. Poder-se-ia perguntar se uma simplificação não seria desejável. Foi assim que em algumas Congregações simplificou-se a oração da manhã e da noite.

37.º — A experiência demonstra que uma oração vocal dita em comum e sempre idêntica, torna-se fatalmente mecânica e não favorece a verdadeira piedade, quando não suscita o desgosto. Necessário se faz assegurar certa variedade, que desperte a atenção e mude a rotina.

38.º — As orações vocais muito longas não são a desejar. Correm o perigo de estorvar a devoção em vez de exprimi-la. Para os religiosos formados na meditação, as orações vocais devem ser breves, como ponto de partida para uma oração pessoal.

Poder-se-ia útilmente variar o modo de dizer certas orações vocais, por exemplo: as ladainhas da SSma. Virgem, cantando-as vez por outra.

39.º — Para o que diz respeito ao têrço, a reza das Ave deve ser acompanhada da contemplação de Nossa Senhora e de seus mistérios. Um esforço continuamente renovado, deve levar a êste ponto: pôr-se na presença da Virgem, olhá-la em sua união aos mistérios do Cristo, implorá-la para que ela ajude a associar-nos a êles ou recomendar-lhe ainda as grandes necessidades da Igreja. A recitação não é mais que um gesto material que nos introduz na meditação, sustenta o esforço de contacto e conduz a atenção para a pessoa de Maria.

### O Exame de Consciência

40.º — Em cada dia da vida religiosa, um momento deve ser reser-

(16) Op. Cit., p. 145.

(17) Art. cit. p. 138 — Tal era, então, a observação feita pelas Normas de 1901 art. 160. "É preciso vigiar para que os exercícios de piedade a serem cumpridos pela Comunidade, não se multipliquem demasiadamente".

(18) Ibid.

vado ao exame de consciência. Este exame assegura ao religioso um indispensável contrôle de seu comportamento. A experiência atesta que, quando não se dá ao trabalho de examinar-se, não se dá conta de certos desvios do caráter ou de certas inobservâncias da Regra. E' por este exame, fielmente repetido, que o religioso aprende a melhor conhecer-se e procura corrigir-se e melhorar sua conduta.

41.º — Este exame requer um esforço ascético perseverante. Também não é de admirar que, sob diversos pretextos, alguns queiram subtrair-se a êle ou suprimi-lo. Pode-se, entretanto, constatar progressos consideráveis em vidas religiosas, em consequência do exame de consciência feito regularmente e comportando um sincero contrôle de tôda a maneira de agir.

42.º — Lembremo-nos de que o exame de consciência é, antes de tudo, uma tomada de contacto com Deus. Não se trata de uma simples introspecção, mas de pôr-se na presença divina. A consciência cristã não monologa, mas dialoga com Deus. Por isso, o exame é uma oração.

43.º — Para religiosos dados ao apostolado, o exame não deve visar apenas a conduta pessoal, mas igualmente a atividade apostólica, os meios apostólicos empregados, os resultados obtidos, as fraquezas que se revelaram. O exame permitirá, assim, um melhor ajuste do programa de ação apostólica, ao mesmo tempo que melhor adaptação do próprio apóstolo. Estes resultados poderiam ser obtidos por uma revisão da vida em comum.

44.º — Notemos que às religiosas contemplativas é preciso especialmente aconselhar exame cotidiano acêrca do espírito apostólico da vida de oração e de sacrifício, porque é este zelo apostólico que lhes deve sustentar a generosidade e alargar-lhes os horizontes.

O exame de consciência é o exercício espiritual em que o esforço ascético de tendência à perfeição e à ação apostólica vêm recolher-se, provar seus resultados e dificuldades em vista de um nôvo ponto de partida (19).

### Retiro mensal

45.º — O fervor da vida religiosa deve ser renovado periódicamente graças ao retiro mensal. Este retiro permite aos religiosos, ao mesmo tempo, recolhimento prolongado na presença do Senhor, e um exame mais aprofundado do estado da alma. Quando bem feitos, provam evidentemente sua utilidade: são ocasião de renovação na generosidade.

46.º — E' preciso assinalar que sejam bem feitos, em condições favoráveis. Para que este exercício mensal possa atingir sua finalidade, os religiosos devem dispor de verdadeiro ambiente de recolhimento e de oração. Uma ou duas instruções espirituais, que abrissem um parêntesis em um dia absorvido inteiramente pelas ocupações ordinárias, não conseguiriam suscitar uma atmosfera de retiro.

(19) N. PICKERY, S.J. *L'Examen de conscience*, (O Exame de Consciência), R.C.R., 1929, 23-30.

47.º — Desde vários anos organizaram-se, em certas cidades, dias de recolhimento para religiosas de diversas congregações. Estes exercícios têm a grande vantagem de fornecer um plano melhor de oração, de subtrair as participantes ao curso das atividades habituais, procurando-lhes descanso e, ao mesmo tempo, recolhimento. Muitas religiosas que a êles assistiram, testemunharam que tais retiros lhes trouxeram maior proveito que os feitos em suas respectivas Comunidades. Deve-se desejar que esta iniciativa se difunda, tanto mais que contribui para a aproximação e conhecimento mútuo das diversas Comunidades.

### Retiros

48.º — Os retiros, sobretudo o retiro anual, têm grande importância na vida espiritual dos religiosos. Durante vários dias, deixam trabalho e ocupações para se entregarem simplesmente à oração e, deste modo, colocam-se mais inteiramente à disposição do Senhor. Período de encontro com Deus, o retiro coloca o religioso na verdadeira perspectiva de sua vida de consagrado; permite-lhe julgar os desvios que puderam esgueirar na maneira de ver as coisas, e refaz o espírito sobrenatural. Faz-lhe compreender negligências ou covardias e dá-lhe possibilidade de se restabelecer na prossecução mais ardente de seu ideal, mediante novas resoluções.

49.º — Assim, cada Instituto religioso deve fornecer a seus membros as melhores condições de retiro. Não insistiremos na necessidade do silêncio porque, na maioria dos Institutos, o retiro se faz em completo silêncio, a fim de assegurar profundo contacto com o Senhor. É preciso, igualmente, cuidar para que os religiosos cheguem ao retiro sem fadiga excessiva. Em algumas Congregações, as religiosas são convocadas um dia antes da abertura, a fim de descansarem. De fato, seria lamentável, que o começo do retiro fôsse perdido em razão de grande cansaço.

50.º — O horário do retiro deve ser arejado. Não há motivo para enchê-lo de conferências. Três instruções diárias constituem uma boa medida. Não é desejável encher o dia com muitos exercícios comuns. Acontece que religiosas se queixam de serem mais sobrecarregadas no retiro que durante o ano, de estarem mais tensas pela ordem de um dia apertado. Que se lhes deixe, antes, a liberdade de rezarem tranqüilamente, a seu modo, e de fazerem uma ou outra leitura.

51.º Algumas vêzes encarou-se demais o retiro como tempo de penitência, de faxinas e trabalhos penosos, durante o qual ouvem-se coisas desagradáveis e em que mortifica-se especialmente. Sem dúvida, o retiro pede atitude de penitência, que se traduzirá sobretudo por uma confissão mais aprofundada das faltas do ano. Não se saberia sublinhar bastante o valor desta confissão. Mas, o retiro é, essencialmente, tempo de união com o Senhor, período privilegiado em que o religioso mergulha na alegria de sua dependência de Deus e aprecia mais à vontade a grandeza do amor divino. O retiro terá sido bom, se renovar o religioso na experiência da oração.

**Colaboração unânime à oração**

52.º — Não é necessário afirmar que as decisões relativas à conduta da vida de oração pertencem às Superiores Maiores e, em seguida, àqueles dos quais depende uma modificação eventual das Constituições. Entretanto, é desejável que todos os membros das Comunidades reflitam no problema, e perguntem a si mesmos, segundo a experiência pessoal, se podem olhar o sistema atual de oração, como um método ideal, ou se certas modificações não deveriam ser sugeridas.

53.º — Ao receber pedidos de nova adaptação do método de oração, a Sagrada Congregação dos Religiosos se informa sempre do estado dos espíritos; quer saber se a inovação não perturbará a paz da Comunidade (20); para aprovar a mudança, é preciso que a mesma corresponda ao desejo de seus membros.

54.º — Tôda revisão reclama, pois, colaboração unânime. Deseja-se que seja feita de comum acôrdo, evitando tôda cisão ou áspera oposição entre as gerações, com o único cuidado de procurar em conjunto os melhores meios de realizar a união com Deus, de ter uma oração eclesial e uma meditação que alimente a ação apostólica.

55.º — Como assegurar a participação de todos, nesta revisão? Entre os meios práticos, pode-se indicar o que foi empregado por alguns Institutos: um questionário dirigido a todos os religiosos e cada um convidado a exprimir sua opinião por escrito, com tôda liberdade, após ter rezado e refletido. Do conjunto das respostas, pôde-se, então, tirar linhas de fôrça, desejos comuns a todos ou à maioria.

56.º — A revisão fornece assim, aos Superiores, a ocasião de deixar os inferiores manifestarem opiniões e desejos no domínio da vida espiritual. Na Igreja, a reunião do Concílio lembrou que o conjunto da comunidade cristã deve contribuir à promoção do Corpo Místico; o Concílio foi preparado por desejos emanados de muitos membros da Igreja. Uma revisão da vida de oração em uma Comunidade religiosa, atestará do mesmo modo, que todos os membros têm o dever de concorrer a melhorar a vida espiritual comum. E' preciso crer na ação do Espírito Santo que inspira cada um dos religiosos em suas aspirações a uma profunda união com Deus.

57.º — Dêste modo, a revisão favorecerá a aproximação dos membros da Comunidade, desenvolverá o espírito de colaboração. A caridade mútua se encontrará firmada tanto mais quanto os religiosos fôrem ao mesmo tempo mais intimamente unidos ao Senhor e mais sôlidamente unidos entre si e aos seus Superiores, em um ideal melhor compreendido.

---

(20) GAMBARI, art. cit., p. 159.

## A CATEQUESE EUCARÍSTICA EM UM MUNDO TRANSFORMADO

Pe. Dr. Frei Guido Vlasman OFM

## II

## A CATEQUESE EUCARÍSTICA NO PASSADO: A CATEQUESE DA PRESENÇA

*(Continuação do número anterior)*

O sacramento da penitência se reduzia, ao menos na concepção do povo, a um ato preparatório para a comunhão: pois a expressão corrente daquele tempo "quem comunga se confessa" (23) é, psicologicamente, muito conversível: não se vai confessar-se, senão quando se deve comungar! Psicologicamente a confissão serve "para" comungar, em vez de para converter-se...

Inventa-se mesmo um ascetismo exagerado, certamente para as crianças. Eles devem ser "bonzinhos", fazer "pequenos sacrifícios" (que aliás não tinham nada que ver com o sacrifício de Jesus), fazer "um florilégio para Jesus", cujas flôres de virtudes chegavam a encher um jardim botânico inteiro... (24).

Tudo isso não estimulou de certo uma aproximação mais assídua da sagrada comunhão. Tôda esta preparação ascética para a comunhão pro-

---

23) *Cantai criançasinhas, catecismo popular por um franciscano*, Petrópolis, 1956, p. 16. Diz A. Negromonte (*Preparação para a primeira comunhão*, p. 51): "Nunca lhe falamos em confessar-se "para" comungar; mas liga a confissão ao aumento da graça e à purificação espiritual". Hoje quer-se uma separação maior entre primeira confissão e primeira comunhão (intervalo de algumas semanas, ao menos) para valorizar o lugar próprio da confissão no conjunto da vida cristã, i.é como sacramento de conversão. (Porque não dela fazer também uma festa? Além de que aliviará a preparação imediata para a primeira comunhão de uma acumulação de matéria, e a criança de muita preocupação. Assim poder-se-ia facilmente preparar as crianças já no começo da catequese da primeira comunhão (no começo da quaresma, geralmente) para a festa da confissão. Porque tratar primeiro da "doutrina da confissão", depois da "doutrina da comunhão" para depois disso "ativar e praticar" os dois juntos? Porque não praticar logo? Não há nada que o impede!

24) L. JAEGER, *Nosso neopenitente e neocomungante*, p. 13 (primeira lição): "Por isso devem vocês começar já agora a limpar o coração de tôdas as manchinhas dos pecadinhos, depois pôr flores bonitas de sacrifícios...". J. MICHEL, *A primeira comunhão das criançasinhas*, p. 41 exigia as seguintes disposições que importa muito conhecer e ter: purificação das menores culpas, correção solícita dos defeitos, exato cumprimento dos deveres de estado, aquisição das virtudes recomendadas pela mãe e pelos mestres, as pequenas mortificações oferecidas antes da comunhão...". A melhor preparação para a comunhão, não seria antes o exercício da caridade fraterna, que está em conformidade com o sentido da Eucaristia, do que todo êste moralismo individualista?

vinha de um semi-jansenismo, do antropocentrismo da época do iluminismo, e de uma visão demasiadamente personificante da Eucaristia (25). A consequência era uma **hiper-acentuação do opus operantis**, do papel daquele que recebe o sacramento. E o perigo, mórmente na preparação para a primeira comunhão, era que a criança dava um suspiro de alívio, quando tinha chegado sã e salva ao dia da primeira comunhão, pensando: Agora podemos ser "normais" outra vez... E todo o zêlo se desfazia como uma bola de sabão!

A comunhão, no entanto, é uma graça, um dom que se recebe, sem merecimento nenhum da nossa parte: ela é uma ação salvífica de Cristo, o **opus operatum**. O pêso maior do **opus operantis** não está na preparação da disposição para dignamente receber o sacramento — o que no fundo dá a impressão que a gente merece tantas graças quanta foi a preparação — mas está, teològicamente, na ação sacramental mesmo, i. é, na participação consciente e pessoal, agora sacramental, do sacrifício de Jesus. E psicològicamente está êle na cooperação com a graça recebida, depois da comunhão, na realização da salvação na nossa vida. Mas é precisamente aqui que se solta o neocomungante, no tempo mais propício — pois cheio de graça — para a catequização, no tempo também em que a criança precisa de uma ajuda e uma orientação na difícil e nova tarefa de cumprir com a "obrigação" que ela afirmou no seu "obrigado" pelo dom de Deus (26).

### Personalismo e Individualismo

Não era de estranhar que tôda a piedade eucarística, orientada e nutrida por esta mentalidade teològica, circulava num plano subjetivo e individualista. Uma expressão como nos "Cânticos e orações" de F. Maute: "Ó meu bom Jesus, eu creio firmemente que **só por mim** estás no santo altar", não é rara encontrar naquele tempo. Examinando os efeitos da comunhão, anotados na "catequese da presença", descobrimos antes de tudo a **falta absoluta** da grande "**res**" da Eucaristia, o **efeito primordial** conforme a teologia clássica de todos os tempos, a saber **a caridade fraterna e a união da Igreja**.

Já que a concepção da Eucaristia era pela maior parte orientada para a presença real, e a comunhão vista como um encontro pessoal com o Autor da graça, era inevitável que a comunhão recebesse na catequese — e na lite-

25) E devemos acrescentar ainda, que, já que a "explicação da doutrina" não exigia muito tempo (pois a catequese se limitava à afirmação "tout court" da presença de Cristo no sacramento) se devia, de um ou outro modo, "encher o tempo"...

26) cfr. sôbre a questão da preparação ascética da primeira comunhão: W. ZIEHER, *Die Ascese im Kommunionunterricht*, in K. Bl. 69 (1943) p. 56-61; J. DREISSEN, *Über das geschichtliche Werden des Erstkommunionunterrichts* e id. *Über den Erstkommunionunterricht heute*, in K. Bl. 85 (1960) p. 8-16 e 65-71; H. FISCHER, *Eucharistie-Katechese und Liturgische Erneuerung*, Düsseldorf, 1960, passim.

ratura piedosa — mórmente uma finalidade moralizante (27). Os efeitos da comunhão eram: a união com Cristo, iluminação da inteligência, fortalecimento da vontade, aumento da vida da alma, diminuição das más paixões, purificação dos pecados veniais, reanimação da alma, santificação do corpo ((28). Até catecismos oficiais — e mesmo recentes ainda — que geralmente se deixam orientar pela teologia especulativa, esqueceram-se do efeito maior da comunhão, e contam como efeitos: a união com Cristo, aumento da vida de graça, enfraquecimento das más tendências e penhor da vida eterna (29). E há os que acrescentam — para serem inteiramente completos — que a comunhão só tem efeito sob a condição expressa que se esteja em estado de graça, o que acentua ainda mais a necessidade de uma boa preparação (30).

Isto tudo revela mais um espírito de receber, uma mentalidade egoísta e egocêntrica, do que um espírito de cristão que dá tudo a Deus, que se sacrifica com Jesus e n'Ele, e espera da bondade e benevolência de Deus as graças de que precisa. H. Fischer (31) tem razão em afirmar que a piedade eucarística não era alimentada por fontes provenientes do próprio mistério eucarístico, mas por fontes provenientes de fora. Estas fontes — que se chamam p. ex. contra-reforma, jansenismo, quietismo, iluminismo com a sua atitude antropocêntrica e as suas tendências moralizantes — das quais proveio mórmente a piedade eucarística, não se limitavam, aliás só à piedade da comunhão. Este conjunto de sentimentos religiosos dominava e orientava tôda a vida religiosa.

Será necessário purificarmos aos poucos também a nossa mentalidade religiosa, impregnada dêstes exageros, pois êles existem ainda. Um exagêro para o outro lado não será quimérico, no início, mas só assim se encontrará o meio têrmo. Podemos, em todo caso, estar de acôrdo com uma resolução do Congresso catequético de Howald, que aceitou como um dos princípios fundamentais de C. E.: **os efeitos da comunhão não são diretamente de ordem moral, mas antes de tudo de ordem teologal** (32).

27) Também o próprio decreto da comunhão frequente (*Sacra Tridentina Synodus* de 20/12, 1905) condicionado por seu tempo, dava como motivos de comunhão frequente: "ut christifideles... robur capiunt ad compescendam libidinem, ad leves culpas, quae quotidie occurrunt, abluendas, et ad graviora peccata... praecavenda". J. BRUMMET inicia o seu livro (*Das geheimnisvolle Brot*, München, 1959) com o resultado de um inquérito entre crianças sôbre os motivos da comunhão frequente. Nas respostas (umas 40) determinava o aspeto ascético-moral ainda mais que a metade das respostas.

28) Assim em F. SPIRAGO, *Grundliche Belehrung über die hl. Kommunion*, p. 9ss

29) Assim Jésus, *La Lumière, Catéchisme préparatoire à la communion solennelle* (oficial para a diocese de Toulouse, 1953) perg. 319. cfr. tb. *Cantai crianças*, p. 16

30) J. MICHEL, *La première communion des tout-petits*, Paris, 1939, p. 63

31) op. cit. p. 127

32) *Principes fondamentaux pour la catéchèse eucharistique*, in *Vérité et Vie*, ficha 241, p. 7 n.º 7 (Não citado nas atas em alemão, publicadas na *Eucharistie und Kutechese*).

## Sentimentalismos

A visão pessoal e individualista, sob a qual era vista a Eucaristia, trazia necessariamente muito sentimento e sentimentalismo. Assim não nos pode surpreender que a C. E. — e especialmente a preparação para a primeira comunhão, mas também toda a literatura piedosa em redor da comunhão — seja bastante impregnada por êle. Não está aqui talvez uma das causas principais pela qual os homens chegaram a ver na comunhão uma devoção para mulheres e crianças?...

O vocabulário 'teológico', empregado na C. E. e orientada por êste sentimentalismo, revela mesmo pouca exatidão teológica para não dizer que leva a falsas concepções e desvios perigosos, como nos assegura A. Roguet (33). Falar de um "Jesus prisioneiro" que nos "espera" e que devemos "consolar" porque êle está sempre tão "sozinho", ou do "menino do presépio", do "Menino Jesus na hóstia" que "habita" atrás da portinha dourada, no "armariozinho" do altar, e que nos "responderá" quando "batermos à porta da sua casinha", do "celeste gozo e divinal prazer e do doce pranto amoroso" etc., etc. — quantas expressões desta espécie soube inventar uma piedade sentimental e mal orientada! — tôdas estas expressões que vêem na comunhão um encontro sentimental "falsificam o sentido da comunhão e as demais levam a um impasse", diz Vimor (34). E êste impasse vemos ainda, cada domingo e cada dia nas nossas igrejas, onde não se vê quase um homem que comunga...

Uma tal catequese que apresenta a comunhão como um encontro sentimental com o doce hóspede da nossa alma, como ela pode ser a base de uma piedade eucarística que **deve durar uma vida inteira?** A criança verificará bastante depressa que fôra enganada, que não pode ver Jesus, que Jesus não abre a portinha, que não pode falar com Jesus como fala com outras pessoas, porque Jesus não responde, que a presença de Jesus não é como ela pensava ou se imaginava, ou como o catequista queria que ela pensasse... As conseqüências dêsse primeiro choque para a fé da criança — e um choque que não era necessário já que estas expressões não são "de fé", ao contrário, são falsas — as conseqüências, quais serão...? Não as precisamos imaginar, pois as podemos ver!

Devemos falar corretamente da Eucaristia, não inventar nem falsificar a doutrina com êste exagerado sentimentalismo: "não devemos ser cúmplices de uma certa benevolência sentimental," diz Coudreau (35), o grande catequista

33) *Les peu-à-près de la prédication eucharistique*, in *La Maison Dieu*, 11 (1947) p. 178-190. cfr tb. A. MARTIMORT, *Les signes de la Nouvelle Alliance*, p. 232ss

34) *L'éducation religieuse en famille à l'âge de 7 ans*, in *Vérité et Vie*, ficha 297, p. 19.

35) *Quelques problèmes d'ordre psychologique concernant la préparation à la première communion et la initiation à la messe*, in *Vérité et Vie*, ficha 241 p. 11.

dos catecúmenos adultos de Paris, "pois isto é um **método de comodidade** que reduz a Eucaristia à presença de um Jesus histórico e situa o ministério no plano da imaginação". Este método leva a criança a pensar "fisicamente" em vez de sacramentalmente. Adaptar à mentalidade da criança não é sentimentalizar! Devemos dar à criança as bases de uma formação religiosa, mas então bases de fato que podem servir como fundamento para a vida inteira. Sentimentalismo é mais fácil, e logo temos alcançado na criança uma grande expectativa pela qual ela é capaz dos maiores heroísmos. Mas no dia da primeira comunhão termina também esta base, ou, se não, um pouco mais tarde.

A nossa catequese deve orientar-se sempre por este princípio, formulado por J. Vimort (36): **Tudo o que dissemos para a criança deve valer também para o adulto, deve exprimir o que nós mesmos tomamos a sério: há uma religião para as crianças e outra para os adultos!** Quando nós mesmos não cremos seriamente nas histórias e expressões que empregamos, não as podemos dar às crianças. A catequese deve ser **um testemunho da nossa fé**, e não uma explicação sentimental da doutrina. E é por isso que se exige do catequista que ele estude e medite e vivifique cada vez a sua fé, e que ele prepare, em meditação, a sua aula de catecismo.

### Dimensão Sacramental

A causa mais profunda, no plano teológico, desta C.E. — a causa também da orientação unilateral e exclusiva para a concomitância do sacramento eucarístico: a presença **real-pessoal** de Jesus — está, porém, no **desaparecimento da categoria sacramental**, do caráter de sinal da Eucaristia. Não se deixava de dizer que a Eucaristia era um sacramento (o terceiro!) mas dizendo isso, se dava por acabada a questão. Não se tratava nem se tocava ao menos as consequências teológicas e espirituais desta verdade. O que interessava na "catequese da presença" — já o dissemos mais que uma vez — era o efeito concomitante da transsubstanciação, a presença de Jesus com alma e divindade. E quanto à comunhão se interessava dos efeitos (individualistas) da comunhão, e das disposições e condições para comungar. Assim negligenciava demais a significação do sacramento, o primeiro sentido da Eucaristia.

Ora, não devemos nós usar a pedagogia divina, trilhar o caminho que Deus mesmo usou para nos revelar os seus mistérios? Efectivamente, como pode o homem compreender ou ao menos entrever algo da realidade divina, realidade de um outro mundo, se Deus mesmo não nos indica o caminho, se Ele mesmo não nos dá uma realidade do mundo humano que conhecemos, pelo qual possamos entrever a realidade divina? Essa realidade humana, símbolo da realidade divina, é o sinal sacramental, **ação simbólica humana pela qual se revela e se realiza a realidade divina** (37).

36) art. cit. p. 25.

37) cfr. H. SCHILLEBEEKCKX. De sacramentele Hellseconomie, (Antwérpia, 1952), p. 355-484; e K. RAHNER, *Zur Theologie des Symbols*, in *Schriften zur Theologie*, IV, (Einsiedeln, 1960), p. 257-312.

Esta **ação simbólica humana**, o sinal externo do sacramento (*sacramentum tantum*) da Eucaristia é a refeição memorial religiosa, uma refeição humana com os seus aspectos humanos, mas que é ao mesmo tempo uma refeição sacra, em que o elemento religioso (de ação de graças, "eucaristia") é o mais importante, e em que este aspecto religioso culmina na memória sacramental da ação sacrificial-salvífica de Jesus (38). Assim, através do sinal externo de uma refeição-memorial-religiosa, quer Deus revelar-nos (e comunicar-nos) o mistério da salvação no seu auge, no sacrifício de Jesus. A partir deste símbolo humano devíamos des-cobrir aos poucos à criança o mistério eucarístico.

Mas este aspeto sacramental falta na "catequese da presença". A. Roguet nos indica duas causas que podemos, creio, subscrever inteiramente (39). "Nós somos gente utilitarista, diz êle, gente interesseira. Damos mais importância àquilo que o sacramento nos traz do que àquilo que o sacramento nos representa: falta-nos um espírito contemplativo". E a segunda causa, anotada por Roguet, é o contrareformismo. "Ora, diz êle, a Reforma compreendeu no plano sacramental a noção de "significação" . . . O erro dos protestantes não consiste em afirmar que o sacramento é um sinal, o que é verdade e muito importante; o erro deles consiste na negação de que o sacramento seja ainda mais do que um sinal!". E de novo vemos que uma verdade, sustentada pela Reforma, mas por êles exagerada, desaparece quase na catequese e pastoral católicas.

### Fisicismo Eucarístico

As conseqüências desta falta de sacramentalidade levaram a um realismo forte, mecânico quase, nas expressões teológicas. Estas acabaram por designar não um presença apenas real, mas **fisicamente** real, em vez de designar uma presença **sacramentalmente** real (40). Santo Tomás, ao invés, diz expressamente que Jesus na Eucaristia não pode caminhar, que não pode falar, que não pode ver etc. porque êle não tem pernas, nem boca, nem olhos. Jesus

38) cfr. A. VERHEUL, *De Gestalte van de Eucharistieviering, Maaltijd of offer*, in *Tijdschrift voor Liturgie*, 45 (1960) p. 30-59, que dá uma boa análise de todo o problema da estrutura externa (no sentido de "sinal externo") da celebração eucarística e uma visão geral sobre as soluções propostas nos últimos tempos. No meu terceiro artigo na REB, intitulado "mistério interno e sacramento externo" (que aparecerá no número de dezembro deste ano) tratarei mais extensamente deste problema.

39) A. ROGUET, *Qu'est ce que un sacrament*, in *Vérité et Vie*, ficha 310, p. 4

40) Veja p. ex. *Teacher's Manual*, (for use with My Religion Book 3, *God gives me grace*, New York/Chicago, 1956), p. 56, que diz expressamente: (Why do catholic boys take off their caps... when passing a catholic church? Because Jesus is *really* (*physically*) there in the tabernacle, waiting to shower blessings...". A expressão teológica "presença real" é "adaptada" aqui à capacidade da criança e "traduzida" pelo termo "físico"! Dispensou-me de citar aqui toda a literatura que contém destas expressões. Basta ver a catequese tradicional e os cânticos eucarísticos!

está realmente presente, mas sob o signo (sacrum signum) do pão e do vinho. E isto não deve ser entendido como que "sob o véu (num sentido local: "debaixo do véu") do pão está Jesus inteiramente e fisicamente. Jesus está presente "no" signo sacramental, isto é: pelo sinal sacramental de pão e vinho com as palavras consecratórias sabemos nós com tôda a certeza de fé — uma certeza de fé — que o corpo e o sangue de Jesus estão aí; a matéria e a fórmula do sacramento eucarístico são disso o sinal. E pelo contexto inteiro da celebração eucarística sabemos que o corpo e sangue de Jesus estão aí em estado de vítima sacrificada (o "sinal humano" do Corpo e Sangue separados), e ainda sabemos que Jesus, Cordeiro de Deus sacrificado, está aí para que nós possamos unir-nos com Ele na sua ação sacrificial (o "sinal humano" de pão e vinho que querem ser consumidos). E por que sabemos com certeza que o Corpo e Sangue de Jesus estão aí, concluímos com tôda certeza, que Jesus mesmo, vivo como agora está no céu, é presente na Eucaristia. A presença pessoal de Jesus não está indicada pelo próprio sinal (a fórmula da consagração fala apenas de Corpo e Sangue!) mas é uma conclusão ulterior, se bem que por isso não é menos verdadeira!

Assim podemos ver que a sacramentalidade da Eucaristia nos tem algo a dizer, e algo muito importante. E faltaria esta dimensão sacramental quando falamos de Jesus-na-hóstia-consagrada, no sentido de "dentro" da hóstia (num sentido local) ou de Jesus que vem ou desce do céu ao altar (Jesus não deixa o céu!), de Jesus que "se faz pequenino para entrar no pão e depois entrar no nosso coração" (imagina-se isso uma vez realmente!) etc.

Especialmente os nossos cânticos eucarísticos precisariam urgentemente de uma revisão teológica neste sentido — além de que seria bom purificá-los de todo sentimentalismo! (Fisicismo e sentimentalismo vão quase sempre juntos). Como se pode cantar com tôda a sinceridade; "da celestial morada Deus ao nosso altar desceu, olha a hóstia consagrada, Cristo nela se escondeu", ou o famoso canto: "Silêncio, silêncio, olhai o sacrário, a porta se abre, já sai o Senhor, olhai o seu semblante...?"

Podemos dizer-se que tudo isso não é tão grave e que se pode dar também uma interpretação correta a esta espécie de cantos. É verdade, mas é mais provável que sejam mal interpretadas e que levem a concepções falsas a respeito da presença eucarística, o que se deve evitar. Isto vale mais ainda para a criança. Ela já vai por si mesmo, quase instintivamente, a um certo "fiscicismo", uma interpretação física e realista de tudo que é espiritual, o que para ela concretiza mais as realidades religiosas. Sabemos todos do modo antropomórfico segundo o qual a criança pensa de Deus. Na hóstia consagrada ela vê mais facilmente uma redução do Cristo histórico, do pequeno Jesus do presépio (que "entra" mais facilmente na hóstia!). Mas não creio ser boa pedagogia religiosa aproveitar-se desta circunstância (41).

41) cfr. tb. o artigo citado de F. Coudreau, p. 10. As sugestões de uma equipe de catequistas (*Préparation à la première communion in Vérité et Vie* ficha 106, p. 7) começam com: *Précisions de vocabulaire!* E quantas catequeses de primeira comunhão falam e apresentam o "menino Jesus" na Eucaristia!

Tudo isso levaria a um **surrealismo de caráter físico-pessoal** na concepção da Eucaristia, em vez de esta aparecer como uma ação salvífica divina por excelência, uma ação em que Deus nos mostra em sinais santos — e em que por estes sinais realiza em nós — a salvação que nos veio em Cristo Jesus e por Ele. Uma catequese “fiscista” traz o perigo que a criança, quando adulta, não conheça senão “a fé da sua infância” em que então, com razão, não pode acreditar muito!

### Resumindo

Devemos conceder, creio, que a crítica que se fez à “catequese da presença”, no plano doutrinal, não é de todo sem fundamento (42). Pois esta catequese apresenta antes de tudo um caráter preponderantemente devocional e moralizante. E no plano dogmático apresenta a Eucaristia “como uma flor desfolhada de que se tirou a forma, a beleza e o perfume, deixando à criança a tarefa de compor na sua própria imaginação as partes do conjunto”. Assim cita, com aprovação, o Cardeal Döpfner uma expressão do grande catequista alemão, Clemente Tillmann, um dos autores principais do catecismo alemão (43).

E quantas vezes se contentava ela com a apresentação de uma fôlha só... Pois o sacramento eucarístico não é só uma “coisa”, a hóstia consagrada no tabernáculo, nem só a presença real de Cristo, nem só a comunhão. Tudo isso são aspectos do sacramento eucarístico, que é **uma ação santa**,

---

Parece-me não sem utilidade citar aqui algumas frases de uma sábia conferência de G. Chevrot, às mães presentes no congresso eucarístico de Lisieux em 1937. Diz êle que a denominação de Menino Jesus “est très exacte lorque vos petits font la prère devant la crèche, ne l'est plus du tout lorsqu'il s'agit de l'eucharistie... Car à l'encontre de ce qu'on entend trop souvent communier n'est pas recevoir le “petit Jesus” dans son coeur. Sans doute la Victime du Calvaire est identique à l'Enfant divin de Bethléem, mais la communion à pour effet de nous unir à N. Seigneur, non dans l'acte de sa naissance temporelle, mais dans l'acte de son sacrifice rédempteur... On tombe dans un travers ré regrettable — et par surcroit tout à fait inutile — lorsqu'on minimise jusqu'à em frausser le sens, le dogme catholique, dan l'intention de le mettre à la portée den enfants”, (cfr. *La formation eucharistique des enfants au Joye*, Toulouse, 1938, p. 3).

42) Autôres que criticam a “catequese da presença”, a fora dos que já citamos no presente artigo, são ainda Cardeal J. DOPFFNER, *Der gegenwärtige Stand der Eucharistie lehre*, p. 7-12; E. J. LENGELING *Überwundenenes in der Messerkklärung*, in A. Kirchgässner, *Unser Gottesdienst*, Freiburg, 1960 p. 24-36; M. VAN CASTER, *La catéchèse de l'Eucharistie*, in *Lumen Vitae*, 10 (1956) p. 583-586; W. BERGER, *Enkele Beshouwingen rond de onderrichting over de H. Eucharistie*, in *Dux*, 24 (1957) p. 427-430. Muitos artigos ainda na *Katechetische Blätter* tratam do assunto, com valor inequal. O livro mais completo sôbre a catequese eucarística do passado e sua evolução mais recente é o de H. FISCHER, *Eucaristie-Katechese und Liturgische Erneuerung*, traduzido também em italiano e francês.

43) Cardeal DOPFFNER, op. cit. p. 12 Klemens Tillmann in *Eucharistie und Katechese*, p. 7.

cheia de sentido e simbolismo, e que realiza e opera o que significa. A Eucaristia não se reduz ao **sacramentum permanens**, o que daria uma concepção estática do sacramento, mas é antes de tudo a celebração sacramental eucarística, a Missa. É nesta visão unitária e dinâmica e a partir da celebração eucarística que se pode compreender e viver algo do mistério profundo da Eucaristia e da presença eucarística de Jesus.

Assim não é justo, teologicamente falando, sustentar e ensinar que Jesus, "apesar" de ter morrido ou "apesar" de ter subido ao céu, queria mesmo assim ficar conosco e que **por isso** "inventou um jeito": instituiu a Eucaristia. Pois é assim que nos quer fazer crer a "catequese da presença". E não podia ser de outro modo, já que a primeira finalidade do sacramento eucarístico, conforme ela, era a presença de Jesus. Ora, parece todavia uma verdade fundamental da nossa religião que Jesus morreu, ressuscitou e subiu ao céu e que voltará só no fim dos tempos, e que agora êle está à direita do Pai! Assim confessamos no "Credo". Por isso não é menos injustificável dizer que Êle "deixa o céu" para ficar no tabernáculo. A presença real de Cristo no sacramento é de um outro caráter e tem uma outra finalidade, sem que com isso se negue que a sua presença na Eucaristia seja real! Visto no contexto inteiro do sacramento eucarístico, devemos dizer que Jesus instituiu êste sacramento, para estar realmente presente entre nós como sinal de salvação e de aliança (44), i. é, para nos dar a possibilidade de nos unir com Êle na sua ação de graças ao Pai, e para nos possibilitar de entrar no seu sacrifício, único meio de salvação. Não um simples "ficar conosco", mas um estar conosco **para nos salvar!**

A comunhão também não é como que uma transladação de Jesus do tabernáculo do altar ao tabernáculo do nosso coração. E a finalidade da comunhão não é **apenas** a união com Jesus. Pois para isto bastaria o batismo! Não cremos, e professamos, que o batismo é a nossa incorporação em Cristo pela graça batismal, e que pelo batismo recebemos a vida de Cristo em nós? A verdadeira e mais completa finalidade da comunhão é de nos associar ao sacrifício de Cristo, de nos unir a Cristo no seu ato sacrificial e salvífico.

A missa, por fim, não é apenas e só a transubstanciação, o lugar ou o momento em que se efetua a presença real. A missa é muito mais, é a celebração sacramental dinâmica na forma de uma refeição religiosa que nos apresenta a memória sacramental da obra da salvação no seu auge, fazendo-nos nela entrar e dela participar.

Reduzir a catequese eucarística apenas à apresentação ou explicação (ou muitas vezes só afirmação) da presença real, também em se tratando da missa e da comunhão, é reduzir a Eucaristia a um só aspecto. Aspecto, aliás, que

---

44) Cardeal ALFRINK, Arcebispo de Utrecht, especifica o sentido do *sacramentum permanens*, da presença de Cristo no tabernáculo e no ostensório como sendo a presença permanente entre nós do nosso Mediador e Salvador. em que Deus Pai cumpriu a Aliança eterna com a humanidade. cfr. *Bijbelse visie op het maaltijd karakter van de Eucharistie in de Eucharistieviering*, in *Annalecta voor het Aartsbisdom Utrecht* 39 (1959) p. 17s.

nem se compreende bem, por que ficaria isolado do seu ambiente e do seu contexto que explica e especifica o seu sentido. **Esta catequese, simplificando a doutrina, a falsifica na mente dos catequizandos.**

### Conclusão

Voltando à frase da criança, anotada no início dêste artigo, podemos ver realmente, que ela revela uma concepção pouco exata da doutrina eucarística. E não só, porque não é o "Papai do céu" que confessamos presente na Eucaristia. Mas sobretudo porque revela aquela concepção "física" da presença real, e ainda uma concepção de presença- apenas em relação à comunhão. E tudo isso numa criança tão pequena. . . pensará o leitor crítico. Justamente porque é uma criança pequena, dizem os pedagogos, se deve cuidar muito e não a pôr, desde o começo já, numa pista falsa. É o problema da "primeira impressão" a dar na catequese eucarística, um problema com o qual nos devemos ainda ocupar.

Em todo caso, é uma consequência feliz de toda a mentalidade de renovação do nosso tempo que os autores, não contentes com a orientação da "catequese da presença", procuraram — e encontraram — uma base mais larga e uma explicação mais profunda do mistério eucarístico, para que o homem moderno, sedento da essência das coisas religiosas e avêso a uma piedade por demais carregada de formalismos tradicionais e convencionais, encontrasse na celebração eucarística outra vez o ato formal, ou melhor, o ato central e vital de toda a vida cristã.

A catequese eucarística de hoje encontrou novamente o sentido doutrinal inteiro e — mais ainda — o sentido pastoral da Eucaristia. Ela conseguiu assim u'a mudança sensível na apresentação do mistério eucarístico, caracterizada por uma visão mais unitária e mais completa do mistério. Esta visão já se está espalhando por toda parte, de tal modo que a "catequese da presença" como descrita aqui, não se encontra mais tanto. Todavia, vários traços dela ainda perduram, aqui ou acolá, na C. E. recente, precisamente pela falta de uma visão clara da teologia eucarística. Por isso creio, que também êste artigo tenha ainda uma utilidade prática, aqui mais, lá menos.

No próximo artigo tentaremos dar uma caracterização da catequese eucarística mais recente, e especialmente no que se refere à visão unitária de todo o mistério, expondo também a evolução histórica que houve até se chegar a esta visão unitária.

## RECRUTAMENTO VOCACIONAL

### ORGANIZAÇÃO DO APOSTOLADO VOCACIONAL NAS PROVÍNCIAS RELIGIOSAS.

Pe. Olímpio Martins Ferreira, SDB

Apresentamos êste resumo do tema desenvolvido durante o Encontro Vocacional de São Paulo, no dia 10 de fevereiro de 1963.

Como introdução queremos apenas lembrar aos leitores que não estamos apresentando pròpriamente um tema científico com todo seu aparato crítico; embora seja fruto de abundantes estudos, de inúmeras visitas a Centros Vocacionais, de entrevistas com Dirigentes de Centros e Recrutadores e da recente experiência do novel Secretariado Vocacional Salesiano da Inspeção de São Paulo, não apresentamos, por motivo de mais particularidade, tôda a documentação utilizada nestas pesquisas e experiências.

Agradecemos antecipadamente qualquer declaração e colaboração, como sejam Estatutos de Centros Vocacionais, Normas para Recrutadores, Métodos de Recrutamento, etc., tornando assim o Secretariado Vocacional Salesiano mais apto para cumprir sua 7.ª finalidade, que é justamente "Dar uma caridosa colaboração ativa às demais Organizações Vocacionais do Clero Religioso e Secular".

#### I — Motivação

##### A — Urgência de uma solução ampla e corajosa

Ninguém duvida que a solução de todos os problemas religiosos no Brasil esbarra com um **obstáculo quase desolador: não há padres!** O mesmo se pode dizer das Províncias Religiosas quer masculinas quer femininas.

Ninguém duvida que é êsse um **problema muito complexo** que não pode ser resolvido com pequenas medidas: os grandes problemas exigem grandes soluções.

Última constatação: é um **problema inadiável**. É dado garantido pela Teologia Pastoral que a proporção mínima para serem bem atendidos os fiéis, é de **um sacerdote para 1.000 católicos**. O Brasil deveria ter **70.000 Sacerdotes e não conta com 12.000!** O que é ainda mais trágico: O **aumento anual da população** no Brasil é de 3.000.000 a 3.500.000 de habitantes. Conclusão: Apenas para não perder terreno **deveria o Brasil ordenar por ano de 3.000 a 3.500 Neo-Sacerdotes**; no entanto, em **1960 foram ordenados cêrca de 350!!!**

Ora, no Brasil há cêrca de 350 seminários que estão dando, em média, cêrca de 350 Sacerdotes; daí, duas soluções possíveis: 1) Continuando com

os métodos atuais de Recrutamento e Formação, construir imediatamente 3.500 a 4.000 Seminários... ou 2) **Modificar o método de Recrutamento, procurando o aumento quantitativo e qualitativo dos Seminários, à medida do possível, a fim de se aumentar o rendimento vocacional no Brasil.**

Vista a concreta impossibilidade da 1.ª solução (todos os Sacerdotes do Brasil não seriam suficientes para dirigir os Seminários..., preferimos a 2.ª solução.

#### B — Causas remotas do pouco rendimento vocacional no Brasil

Para se curar uma doença é necessário conhecer suas causas; para melhorar o rendimento vocacional no Brasil é preciso enfrentar as causas dêsse pouco rendimento. Não é difícil descobrir as **causas remotas**. Encontramo-las repetidamente apontadas nos 4 grandes documentos pontifícios de São Pio X, Pio XI, Pio XII e João XIII sobre o Sacerdócio, facilmente constatáveis pelos pastores de almas (1):

- 1 — **Causas históricas** (por ex. a perseguição pombalina).
- 2 — **Debilidade do Cristianismo do povo brasileiro:** (Paróquias, famílias, colégios) com enfraquecimento da fé, da vida litúrgica e sacramentária, do nível moral.
- 3 — **Onda de sensualismo, comodismo, egoísmo, apêgo aos bens terrenos,** propagada pelos mais modernos meios de influenciar na mentalidade e no comportamento da população, particularmente da juventude.
- 4 — **Clima de insubordinação e falsa liberdade** favorecido por uma **educação frouxa** que não forma caracteres.
- 5 — **Não podemos omitir o baixo nível de educação e instrução** que torna muito difícil alcançar o nível exigível pelo Seminário.

Como êstes são objetivos das organizações Diocesanas e Paroquiais, de Associações e Colégios Católicos em geral, não compete ao Centro Vocacional estudar e aplicar os remédios específicos para sanar estas causas (2); para isso já existem muitos outros organismos e pessoas credenciadas. Ao

1) Estas causas foram estudadas durante 2 anos no Curso de Aperfeiçoamento Pastoral do Instituto Teológico Pio XI e apresentadas em vários encontros e cursos vocacionais, assim como revisadas por inúmeros visitantes do Secretariado Vocacional Salesiano.

Prevenimos também aos leitores que usaremos sempre o adjetivo "vocacional" significando: "que se refere à vocação sacerdotal e religiosa", a fim de evitar a necessária repetição dêste circunlóquio.

2) Não queremos aqui menosprezar a "pastoral de conjunto" ("Pastoral d'ensemble") a qual é aplicada neste plano que apresentaremos; apenas queremos acentuar que não se pode esperar que nossas paróquias e sobre tudo nossas famílias sejam na maioria fervorosas a fim de pensarmos então nas vocações; na América Latina isto seria uma quimera; se não podemos afervorar toda a massa, podemos fazê-lo com um grupo mais seletivo (em todas as paróquias temos algumas famílias fervorosas, famílias de vida cristã média e ao menos famílias honestas) e de modo particular podemos obter que um pequeno grupo de meninos, portadores do germe vocacional, com as graças atuais concomi-

Centro Vocacional interessará, como seu **objetivo específico**, pesquisar e enfrentar as "causas próximas" do pouco rendimento vocacional do nosso ambiente.

### C — Causas próximas do pouco rendimento vocacional no Brasil (3)

Estas têm sido objeto de uma pesquisa mais recente e mais científica promovida pela **Pastoral das Vocações Sacerdotais e Religiosas**, que já é uma cadeira Especializada da Teologia Pastoral. As causas que apontamos não são, pois, inventadas ou engenhosamente arquitetadas para explicar uma determinada organização; pelo contrário, toda a organização do Centro Vocacional surgiu dos estudos feitos justamente sobre os meios de enfrentar as causas objetivas do mal. Eis as principais causas responsáveis pelo rendimento mínimo do trabalho vocacional no Brasil:

1) **Possíveis deficiências na formação seminarística**: quando se fala em rendimento vocacional, em índice de perseverança, o primeiro a sentar-se no banco dos réus é o seminário. Como geralmente no Brasil não se faz um bom trabalho de preparação dos vocacionados antes dos Seminários, é lógico que somente sobre estes recairá toda a culpa da porcentagem mínima de perseverança. Mesmo com as atenuantes que apresentaremos, não se pode negar que existam seminários Diocesanos e Religiosos que deixam a desejar, quer no setor material (construção, ambientes, alimentação, material didático, etc.), quer no setor intelectual, disciplinar e espiritual.

É justo, porém, acentuar duas grandes atenuantes da culpabilidade do Seminário: a) Não podemos esquecer que os Superiores dos Seminários não são obrigados a fazer milagres (nem mesmo o Onipotente os faz como regra geral). Se é tão minguado o fruto dos Seminários, não será também por causa das deficiências dos elementos que lhe são confiados? Se não houver um trabalho esclarecido de seleção e preparação dos vocacionados antes da entrada no Seminário, é certíssimo que muitíssimos, principalmente dentre os menores, vão para o Seminário sem vocação, com toda as conseqüências para o indivíduo em particular, para o nível espiritual do ambiente semina-

---

tantes, possam ter um alto nível de vida espiritual (compatível é lógico com a idade); *a experiência, por ex., dos Circulos Vocacionais do Pe. Salvador Borioni, S.J., mesmo em ambientes religiosamente fracos, foi ótima*, demonstrando que aqueles que recebem a graça da Vocação, sendo cultivados na vida espiritual, perseveram, vencendo às dificuldades do ambiente; sem dúvida que estes vocacionados que brotam em famílias menos fervorosas devem ser preparados com mais cuidado para o seminário. Não queremos aqui desenvolver este interessante e vital problema da Pastoral Vocacional da América Latina; basta ter acenado a ele, a fim de prevenir interpretações menos acertadas de nosso pensamento.

3) Não pretendemos neste resumo esgotar o estudo sobre estas causas. Lembramos também que nos referimos ao ambiente em geral do Brasil, embora conheçamos a existência de algumas regiões onde ainda hoje proliferam as "vocações espontâneas"; não nos devemos, porém, iludir: estes casos tendem a diminuir cada vez mais; se não houver um cultivo explícito das vocações, não serão suficientes em número e qualidade para nossas ingentes necessidades.

rístico e com o conseqüente abaixamento estatístico... (sem falar nas despesas astronômicas inutilizadas).

b) Não podemos ocultar também que um dos fatores que minam a coragem dos sacrificados Superiores dos Seminários é saber que, se muitos são os acusadores do Seminário, poucos são aqueles que demonstram amor e interesse real pelo Seminário, auxiliando-o moral e materialmente. O Centro Vocacional deve procurar de tal modo saturar de "mentalidade vocacional" tôda a Província, até conseguir que de fato sejam os Seminários considerados e tratados como "a pupila dos olhos" (Pio XII).

2 — **Falta de seleção e preparação anterior ao Seminário.** Causa intimamente conexa com a anterior. Entre nós (sempre falando "em geral"; graças a Deus que há exceções) é caso raríssimo que um menino antes da entrada no Seminário tenha uma **preparação intencional**, que consiste ao menos na constatação negativa (inexistência de impedimentos, qualidades mínimas: físicas, intelectuais, psicológicas e sobrenaturais, que alcançaram o desenvolvimento exigido pelo Curso no qual vai entrar) e na **constatação positiva** da vocação interior (pela reta intenção e pelo trabalho da graça vocacional, de acôrdo com a idade e a liberalidade do Divino Espírito Santo).

Mesmo aqueles poucos Sacerdotes que se interessam pelo Apostolado Vocacional, comumente se preocupam apenas em "descobrir vocações" e raríssimamente se empenham em "cultivá-las" antes de enviá-las ao Seminário (o cânon 1353 fala da obrigação dos "Sacerdotes, principalmente párocos" de cultivar o germe da vocação", "por meio de cuidados especiais"; será êste delicado trabalho de direção espiritual vocacional devidamente ensinado aos futuros Sacerdotes, no Curso Teológico ou Pastoral? E no entanto êste é um dos pontos-chaves para a solução orgânica, eficiente e definitiva do problema vocacional).

3) **Falta de colaboração iluminada e integral da família do candidato.** Não se trata aqui do nível religioso das famílias em geral. Se formos esperar uma revitalização fervorosa das famílias em grande escala para depois resolver o problema vocacional no Brasil, continuará perpétuamente o "círculo vicioso", pois não dispomos de clero suficiente para promover esta revitalização. Trata-se de atingir apenas as famílias daqueles que foram identificados como tendo o "germe da vocação", a fim de que não apenas o vocacionado, mas também a sua família, esteja a par do que é a vocação, como devem nela colaborar, destruindo os preconceitos e auxiliando-as na colaboração espiritual, moral e mesmo material, que devem dar à vocação do filho.

4) **A causa fundamental: falta de "mentalidade vocacional".** Dizemos "fundamental" porque é esta a causa das outras três; aquelas não poderão ser sanadas enquanto esta não fôr enfrentada.

Entendemos por "mentalidade vocacional" uma sensibilidade, uma valorização do Apostolado Vocacional em tôda a sua amplitude. Os católicos, mesmos os fervorosos e apostólicos noutros setores, e sobretudo os Sacerdotes, numa proporção assustadora, não têm esta "mentalidade vocacional".

Nos católicos é grande a ignorância sobre a vocação (o que é a vocação, seu valor, como se reconhece, como se cultiva, importância de segui-la, etc.). Nos Sacerdotes é lamentável o pouco ou nenhum interesse pelo Apostolado Vocacional, a pouca preparação técnica para o delicado e difícil trabalho de descobrir e cultivar os "germes de vocação". E note-se que se trata muitas vezes de Sacerdotes fervorosos em outros setores apostólicos; de Sacerdotes, que por motivo de ofício, têm o grave dever de descobrir e cultivar os germes de vocação que Deus depositou em suas mãos sacerdotais. O que é mais interessante é que mesmo aqueles Sacerdotes ou Religiosos que tocam com o dedo a falta de clero, que conhecem bem a verdade teológica da necessária colaboração dos homens na realização dos planos divinos, pouco se interessam (não discutimos agora os porquês) para sanar, na medida das próprias forças, esta doença mortal para o Corpo Místico de Cristo naquela Província ou Diocese.

**Esta é a mola real de todo o movimento vocacional de uma Província: que o Centro Vocacional consiga interessar os sacerdotes, os religiosos e as religiosas no mais belo e urgente dos apostolados. Estes se encarregarão, auxiliados pelo Centro Vocacional, de transmitir às Associações, às Famílias, aos Colégios, aos Católicos em geral esta "mentalidade vocacional".**

Se o Centro Vocacional não consegue esta vitória, não se pode, humanamente falando, baseando-se no caminho comum traçado pela Providência Divina e na experiência de movimentos vocacionais já vividos, não se pode preparar um aumento contínuo e suficiente de Sacerdotes, Religiosos e Religiosas para as jovens nações sul-americanas.

**Conclusão:** Se quisermos uma solução real do problema vocacional, é necessário descobrir um meio de atingir estas causas, descobrir os antídotos para essas doenças; **daqui é que surgiu a organização do Centro Vocacional que passaremos a descrever.** Algumas Dioceses e Congregações pensam em resolver seu problema vocacional com um Padre ou Irmão "recrutador", que passa por Paróquias, Colégios, Catecismos buscando ("pescando") meninos; é um método que, nas atuais circunstâncias, julgamos incapaz de atingir as causas acima apontadas: o "recrutador" não poderá conseguir a imprescindível "mentalidade vocacional" nos Párocos, Confessores, Diretores Espirituais das Paróquias e Colégios, correndo muitas vezes o perigo de ser mal visto e até mal recebido por aqueles que mais deveriam ajudá-lo; sobretudo não poderá descobrir, selecionar e cultivar os germes de vocação na quantidade que é necessária; para isso precisa da colaboração dos Sacerdotes, dos Educadores e das Famílias; terá êle tempo, meios e ocasião para preparar estes colaboradores, se está empenhado principalmente em percorrer dezenas de ambientes os mais diversos e às vezes distantes, tentando levar centenas de "vocações" para o Seminário Menor? Terá êle tempo e meios para preparar os subsídios para esse múltiplo trabalho? Poderá êle sozinho descobrir, selecionar e preparar grande número de voca-

ções (é isto que lhe pede a Província), incluindo o conhecimento e a preparação das Famílias? (4).

Porisso deve ser estudada, planejada e realizada uma organização completa, com pessoal, meios, e proteção jurídica suficiente para realizar a colossal mas não impossível tarefa de enfrentar as causas acima elucidadas.

## II — Organização

### A) Definição e explicação de um Centro Vocacional

Por Centro Vocacional (organizado como centro "dinâmico" e não "burocrático", como mero nome e escritório para "constar" ou apenas para estatísticas) entendemos um ou mais Sacerdotes e Auxiliares que dispõem de todo o necessário para organizar de modo estável e eficiente o Apostolado Vocacional em toda a Província.

**Alma do Centro Vocacional:** um ou dois Sacerdotes que têm o entusiasmo e a competência no Apostolado Vocacional. Possuem e vivem intensamente um rico cabedal de idéias, valores e métodos neste setor; sobretudo têm a convicção contagiante de poder transmitir aos outros, particularmente às novas gerações, o entusiasmo e a competência no Apostolado Vocacional.

**O corpo do Centro Vocacional** — Esta alma precisa de um corpo proporcional às suas tarefas; em 1.º lugar precisa de **proteção jurídica** para se impor e sobreviver; o Apostolado Vocacional numa Província ou Diocese, sendo essencial para a sobrevivência destas, não pode ficar à mercê do trabalho individual de algum Sacerdote fervoroso, mas deve constituir um **organismo vivo** enxertado no corpo vivo da Província. Faz parte desta proteção jurídica ter o centro possibilidade garantida de preparar os futuros Dirigentes, a fim de que perseverem e aumentem o entusiasmo, o espírito e os métodos do Centro.

Em segundo lugar: dispor de **locais, meios de trabalho e capital suficiente**. Se a Província não pode dar o capital necessário, deve dar autorização para o Centro consegui-lo com honestas e prudentes iniciativas próprias.

### B) Um exemplo de organização: o Secretariado Vocacional Salesiano

É intuitivo que este "corpo" deve ser estudado e planejado pela própria alma de acordo com as possibilidades, peculiaridades de cada ambiente. Aqui apresentaremos como exemplo (não no sentido de modelo perfeito a ser imitado, mas como simples enumeração...) o que foi preparado pelo Secretariado Vocacional Salesiano tendo em vista uma Província Salesiana, onde as vocações não vêm mais espontaneamente e em número suficiente bater à porta dos Aspirantes.

---

4) Todavia, onde não for possível realizar o plano mais amplo e eficiente (coisa pouco provável, pois será grave erro de visão do conjunto, sacrificar o futuro florescente de uma Província por causa de um ou dois padres, nos quais darão dezenas e centenas de outros sacerdotes) não se duvida em utilizar o "recrutador ambulante", com as devidas cautelas... É sempre preferível o pouco ao nada.

REVMO. SR. PE. INSPETOR

(Autoridade central)

(Secretário do Sr. Inspetor)

CONSELHO INSPETORIAL

(Consultivo e deliberativo)

Um dos Conselheiros e o "Conselheiro Inspetorial das Vocações", sendo o "Presidente do S.V.S."

SERVIÇOS INSPETORIAIS

(executivo dos trabalhos de âmbito inspetorial)

*Exemplos:* Economato — Procuradoria — Cooperadores

Campanhas — Imprensa — S. V. S. — Ex-Alunos, — etc.

#### ORGANIZAÇÃO

1. **PRESIDENTE:** Um dos Conselheiros Inspetoriais: conselheiro, supervisor, protetor do S. V. S.
2. **DIRETOR:** Responsável e Dirigente Geral: especializado em Pastoral das Vocações.
3. **AUXILIAR:** Ou Salesianos (Coadjuutores e Clérigos) ou futuros Seminaristas ou Funcionários pagos.

#### ATIVIDADES

1. Instalação e perenização de si próprio.
2. Despertar e conservar a mentalidade vocacional na Inspetoria inteira.
3. Preparar as famílias dos vocacionados.
4. Preparar os candidatos antes do Seminário (recrutamento "indireto").
5. Colaboração moral e material aos Seminários.
6. Organizar campanhas e subsídios para realizar as atividades supra elencadas.  
Caridosa Colaboração ativa com as demais organizações do Clero Secular ou Regular.

**Observação:** Este é um esquema completo. Na prática, não é necessário esperar que venha tudo pronto das mãos dos Superiores, para começar o trabalho. O Sacerdote, futuro Diretor do Centro, com qualquer local, mesmo provisório, pouco a pouco vá incutindo na Província, inclusive nos Superiores, a necessidade de um **centro completo** para se alcançar o fim proposto. Ao mesmo tempo vai aos poucos adquirindo e organizando o material necessário; é lógico que não irá logo "fazer recrutamento" nos Colégios ou Paróquias; deve primeiro criar na Província a "idéia do Centro Vocacional", fazer propaganda dos seus métodos, semear confiança na eficácia desses métodos,

Os Seminários Menores e sobretudo os Maiores serão o alvo mais atingido neste primeiro tempo. Não se espere que todos e cada um da Província apreciem e aproveem o novo Centro; basta inicialmente que alguns em cada Casa sejam amistosamente conquistados.

Então, se houver real interesse por parte dos responsáveis da Província garantindo tempo integral para o encarregado, capital mínimo mas suficiente e um local ao menos provisório, **comece a usar o nome do Centro Vocacional e atuar como tal**; caso contrário não se tente organizar o Centro: **será fracasso garantido, perda de dinheiro e tempo, principalmente será de descrédito para o Apostolado Vocacional** (Cf. logo em seguida, III, 1, a-b-c).

Omitimos aqui, por estar fora de qualquer dúvida, a **necessidade dos meios sobrenaturais da oração e do sacrifício, único fundamento sólido**. Quem quiser construir sobre reais ou pretensas capacidades pessoais de organização, de inteligência etc., prescindindo do elemento sobrenatural, poderá conseguir efeitos externos, mas duvida-se seriamente se haverá abundância de graças vocacionais e seu aproveitamento.

Por último: não se desanime com as primeiras inevitáveis dificuldades: com espírito sobrenatural, com perseverança e jeito, a meta será alcançada e coroada com um Centro Vocacional de que se gloriarão mesmo aqueles que no início o obstacularam.

### III — Atividades do S. V. S.

#### 1) Instalação e perenização de si próprio

“Primum vivere, deinde philosophari...”. Antes dos frutos é necessário plantar e cultivar a árvore; antes da produção é necessário montar a indústria. O imediatismo não resolve os problemas: atrasa-os e os complica.

a) **Preparação dos Dirigentes e Auxiliares**: não esperar a ordem dos Superiores; preveni-la; os clérigos que demonstrarem maior sensibilidade ao Apostolado Vocacional e que apresentarem qualidades para dirigentes, sejam orientados prudentemente para uma longínqua especialização individual, compatível com o regulamento e o ambiente do Seminário. Quando fôr necessário substituir algum dos dirigentes do Centro, teremos elementos já quase prontos.

b) **Prover os meios pecuniários indispensáveis**: ou com quotas mensais do Economato Insuperiorial, ou com indústrias promovidas pelo mesmo Centro.

Nas Províncias Religiosas, se o Ecônomo não pode dispor de capital, o Provincial deverá dar um Auxiliar a mais, distinto do Diretor do Centro, o qual possa, dentro das normas jurídicas e prudenciais, conseguir os meios necessários. É importante salientar que o Diretor não pode comprometer o trabalho essencial do Centro gastando uma parte considerável de seu tempo na aquisição dos meios pecuniários.

A contabilidade deve ser exata e estar em dia, para ser apresentada a qualquer pessoa; a regularidade neste setor é uma garantia de estima e confiança por parte de toda a Província.

c) Ambientes, móveis, máquinas de escrever, estantes, etc. Locais imprescindíveis: pequeno parlatório (para tratar assuntos confidenciais como são os sobre vocação) e uma sala que servirá ao mesmo tempo de escritório, sala de trabalho para os Auxiliares e até de exposição do material vocacional disponível para ser apresentado às visitas.

## 2) Despertar e conservar a "Mentalidade Vocacional"

### A) Em quais pessoas?

- nos sacerdotes, clérigos, irmãos leigos;
- nas irmãs, suas alunas e ex-alunas, particularmente nas normalistas.
- nos alunos, paroquianos, cooperadores, ex-alunos.
- cuidado especial merecem os professores e professoras, catequistas, dirigentes de associações religiosas, assistentes sociais, etc.

### B) Com quais meios?

Serão estudados aqueles mais aptos, conforme o ambiente. É certo, porém, que dificilmente se consegue, no início, mudar uma mentalidade adulta já formada; portanto, o melhor caminho, embora não se vejam os frutos imediatamente, é começar pelos elementos ainda em formação. Apresentamos algumas sugestões para os seminários Maiores e Menores: valorizar e aplicar o Apostolado Vocacional, por meio das **associações** já existentes (não convém logo no início querer fundar círculos vocacionais; é melhor esperar amadurecer um pouco o ambiente).

- Conferências, livros e revistas na biblioteca, leituras públicas.
- Cruzada de orações e sacrifícios (promovida entre os seminaristas nas férias).
- Pequenos trabalhos, como colecionar poesias, diálogos, fazer traduções fáceis, auxiliar na preparação de "exposições vocacionais escolares", etc.
- Concursos e maratonas.
- Sobre tudo, durante as férias, se possível com os teólogos, sob a direção de sacerdotes, organizar as "Equipes de trabalho" no Centro Vocacional, onde irão aprendendo o funcionamento no Centro e colaborando positivamente no recrutamento.
- **No Curso Pastoral:** um curso bem preparado sobre Pastoral das Vocações (objetivo e prático, mas baseado em sólidos princípios dogmáticos, ascéticos e pastorais). Este curso é vital para o movimento vocacional da província. Se possível promover a prática concreta de Apostolado Vocacional, conforme o espírito deste curso.

### Para os Religiosos em geral:

- Cursos livres nas férias, com visitas a Centros Vocacionais.
- Equipes de trabalhos nas férias, como se falou acima.
- Preparar bibliografia apropriada, valorizando o que a Congregação tem de interessante neste setor. Aproveitem-se para isso temas

desenvolvidos em Congressos, teses de doutoramento, exercitações para licença e mesmo dos trabalhos científicos que se fazem regularmente no curso teológico.

- Congressos, congressinhos, dias de estudos, concentrações, etc.
- Visita pessoal do Diretor do Centro Vocacional a todos os Seminários várias vezes por ano, nas quais, utilizando de conferências, sermões, meditações pregadas, reuniões dos Superiores, apresentará com clareza a importância e urgência do Apostolado Vocacional, a necessidade de um trabalho de conjunto, o funcionamento do novo Centro, seus métodos, sua eficácia, etc.
- Garantido este trabalho fundamental (que corresponde ao n.º 2, "mentalidade vocacional") iniciar as outras atividades, orientando aqueles que demonstrarem mais sensibilidade ao problema, mais confiança no Centro e mais amor a este apostolado.

Quanto aos meios práticos para criar a mentalidade vocacional em outros ambientes, como das Irmãs, Cooperadores, Ex-alunos, etc. é necessário ver as possibilidades de cada um.

### 3) Preparar as famílias dos vocacionais

Como para o "recrutamento indireto" (que será explicado no parágrafo seguinte), não será o Diretor do Centro Vocacional que irá preparar pessoalmente as famílias dos vocacionados, tarefa fisicamente impossível para um sacerdote sozinho (não nos esqueçamos que o Centro Vocacional tem como meta preparar por ano o maior número possível de candidatos, não inferiores a cem...).

Mas é dever do Centro auxiliar aos sacerdotes locais, às Irmãs, Cooperadores, Ex-alunos, etc. a fazerem este apostolado, preparando-os tecnicamente e fornecendo os subsídios necessários.

### 4) Preparar os vocacionados antes da entrada no seminário — "Recrutamento Indireto"

Especificamos recrutamento "indireto", porque, como já explicamos, o Centro Vocacional não faz o trabalho comum do "recrutador ambulante"; o Centro Vocacional Salesiano enfrenta o problema do recrutamento em toda sua extensão. **Como o recrutamento, eficiente na qualidade e no número, é a meta final do Apostolado Vocacional, é o fruto sazonado da "mentalidade Vocacional" conseguida e é o coroamento da eficiência do Centro Vocacional,** será este recrutamento minuciosamente planejado, preparado, incentivado, auxiliado pelo Centro Vocacional. Não podendo aqui apresentá-lo em todos os seus pormenores, acenamos às suas grandes linhas:

- a) O "recrutamento indireto" começa com uma bem preparada e sustentada **"Cruzada de Orações e Sacrifícios"** pedindo ao Senhor da Messe as Vocações.
- b) Tem o terreno preparado pela "mentalidade vocacional" conquistada (num colégio, por ex., onde não existir este clima, é praticamente impossível um recrutamento eficaz).
- c) **Supõe a preparação técnica dos responsáveis imediatos, que são os verdadeiros recrutadores** (aos quais chamamos de "orientadores vocacionais") são

os Diretores, Vigários, Capelães, Confessores, Diretores Espirituais, Catequistas, etc. Prevenimos que não é estritamente necessário que um bom "Diretor Espiritual Vocacional" seja especializado (em sentido estrito) de pedagogia ou psicologia; mas deve ser um entendido e deve aperfeiçoar-se sempre mais com estudo e prática no que se refere às normas e métodos gerais da direção espiritual vocacional, o que aliás não exige cursos longos ou difíceis.

d) **Ajudar aos orientadores vocacionais na preparação de seus auxiliares e colaboradores:** Professôres e Professôras, Catequistas de Associações Religiosas, Cooperadores, etc., que possam ajudar na visita domiciliar, na preparação espiritual, intelectual e material dos candidatos.

e) **Colaboração imediata do Centro Vocacional no recrutamento,** ajudando na aplicação dos meios mais aptos para descobrir os germes de vocação, fornecendo os questionários, esquemas de conferências, etc.

f) Continuar o auxílio aos Orientadores vocacionais no cultivo dos germes de vocação, ajudando na organização dos "**círculos vocacionais**" (quando possíveis) fornecendo-lhes conferências, livros, material didático, etc.

g) **Colaboração na seleção dos candidatos,** facilitando material técnico de fácil aplicação e colaborando nos exames necessários ou oportunos.

h) **Colaboração na preparação próxima,** quer espiritual (retiro para decidir a própria vocação, por ex.), quer intelectual (cursos de férias e aulas particulares), quer psicológica (estágio de convivência com os colegas, em regime de seminário, antes de ir para o aspirantado), quer material (enxoval, "padrinhos de pensão" etc).

i) Finalmente, faz parte também do recrutamento ajudar aos seminários na despedida dos **seminaristas egressos**, os quais ou serão grandes auxiliares no Apostolado Vocacional ou terríveis inimigos de mesmo.

### 5) Colaboração Moral e Material ao Seminário

Não cabe ao Centro Vocacional a responsabilidade da organização e manutenção dos Seminários; são tarefas muito empenhativas; caso sejam confiadas ao Centro deverá êste ser munido com pessoal para isso.

O Centro, porém, terá sempre em mente dar sua colaboração moral e material para os Seminários, visto serem a êles confiados os frutos do recrutamento; esta meta é atingida pelos seguintes meios:

— Primeiramente, de modo indireto, o Centro auxilia muito os seminários através da "mentalidade vocacional" conseguida e do apostolado vocacional promovido em tôda a Província; os sacerdotes que durante anos trabalharam cultivando meninos que davam sinais de vocação, terão para os Seminários o maior interêsse e carinho.

— O Centro promoverá campanhas beneficentes, como bolsas, Rifas, Padrinhos, etc. mesmo em vista de uma justa porcentagem que será utilizada diretamente no Centro.

— O Centro promoverá a melhor preparação dos Superiores e Professôres do Seminário, incluindo a direção de Encontros entre os Superiores dos vários Seminários a fim de que haja igualdade de mentalidade durante todo o período de formação.

— O Centro poderá também se encarregar do trabalho de coleccionar dados para futuras estatísticas, visto ter seu pessoal mais fixo que pode acompanhar o movimento de entradas e saídas no Seminário durante muitos anos.

### 6) Organizar campanhas e subsídios vocacionais

Para despertar e conservar a "mentalidade vocacional", para "preparar as famílias dos vocacionados", para "preparar o candidato antes do Seminário" e para "auxiliar moral e materialmente os seminários", o **Centro Vocacional promoverá e organizará as mais variadas campanhas, ou comemorações vocacionais**. Não podendo aqui enumerá-las tôdas apresentamos alguns exemplos:

— **Cruzada de Orações e Sacrifícios** (padrinhos espirituais, com diploma e contrôle);

— Vitalização das tēporas litúrgicas, em preparação às sagradas ordens;

— Participação a tradições locais no que se refere às orações pelas vocações (por ex. no Brasil o "Sábado do Sacerdote", 1.º sábado do mês);

— Participação ao Mês e Dia Nacional das Vocações, do Sacerdote;

— Promover o pequeno clero ou escola de coroinhas,

— Congressos, congressinhos, círculos de estudos, jornadas de orientação profissional ou vocacional, certames, inquéritos, etc.;

— Festas, concentrações, exposições, visitas a Seminários, etc.;

— Campanhas de beneficência, bôlsas, padrinhos de pensão, rifas etc.

Para tôdas estas iniciativas terá o Centro Vocacional de prestar auxílio na organização, sobretudo para as de âmbito provincial, e principalmente **preparar os respectivos subsídios**, quer confeccionando-os, quer descobrindo-os em outras entidades e distribuindo-os. Apenas alguns exemplos:

— Livretos de orações para Missas, Horas Santas, Concentrações, Visitas ao Santíssimo, Peregrinações, etc.;

— Livros, opúsculos, folhetos de propaganda, de instrução e formação;

— Revistas próprias ou artigos em revistas locais;

— Subsídios audio-visuais (filmes, filminhos, gravações, etc.);

— Cartazes, faixas, flâmulas, medalhas, distintivos, etc.;

**Subsídios imprescindíveis e quase inexistentes no Brasil são os livros e todo o material didático para a formação dos orientadores e para a preparação dos candidatos ao seminário.**

### 7) Procurar uma caridosa colaboração ativa com as demais organizações vocacionais do Clero Religioso e Diocesano.

Como vimos no início, a situação do Brasil exige um colossal e urgente trabalho vocacional; não apenas por um discutível interêsse próprio (mais força através da união), mas **por um autêntico sentido de caridade cristã, lei suprema do Corpo Místico de Cristo**, o Centro Vocacional deve repudiar qualquer forma de mesquinho proselitismo no cultivo das vocações, procurando

na medida das próprias fôrças, criar um clima de amizade e de real colaboração com outras Congregações Religiosas e com o Clero Secular.

Por isso participará ativamente aos Congressos, Reuniões, Cursos vocacionais, etc. Por isso procurará dar sua colaboração às Editôras, às Revistas Vocacionais. Por isso procurará favorecer seus subsídios vocacionais a todos aquêles que serão mais "amigos" que "fregueses". Na venda de material vocacional o Centro Vocacional se contentará com a margem mínima de lucro (sempre inferior ao honesto lucro de livrarias católicas) que lhe possa garantir uma situação não deficitária e a possibilidade de continuar a ampliar suas produções em prol do Apostolado Vocacional; por isso deverá a economia do Centro Vocacional ser garantida pelo interêsse vocacional de tôda a Província e pelas campanhas beneficentes promovidas para êste fim, confiando plenamente na Divina Providência, que não se deixa vencer em generosidade.

Aproveitamos destas linhas para renovar um apêlo à Conferência dos Religiosos do Brasil, a fim de que esta tome a dianteira dêste movimento de união, no que se refere às vocações masculinas e femininas; falando com sinceridade, pessoalmente não acreditamos numa união mais ou menos artificial, fruto de deliberações de Congressos ou mesmo de Superiores; mas acreditamos e fomentamos a união que começa e cresce na prática; por ex., se a C. R. B. pudesse providenciar cursos completos para formar "Promotores Vocacionais" (diretores de Centros Vocacionais) para várias Províncias, êstes Promotores, cheios do mesmo entusiasmo, da mesma formação, querendo realizar o mesmo método de Apostolado Vocacional em larga escala (embora adaptado a cada ambiente) verão que será interêsse de todos trabalharem numa caridosa união de vistas, de métodos, de subsídios, com grande economia de tempo e capital, com o máximo rendimento para todos. Utilizando as experiências de outras nações (Canadá, U. S. A., França) poderemos em menos tempo e com menos trabalho conseguir mais frutos com mais rapidez.

### Votos e conclusões

1 — É necessário que no Brasil tôdas as Províncias dêem uma colaboração corajosa para a solução da escassez do Clero, que é fundamentalmente o nosso maior problema religioso.

2 — Apresentamos como meio concreto mais eficiente para enfrentar as causas próximas do pouco rendimento do Apostolado Vocacional a criação de Centros Vocacionais Provinciais, bem organizados, com bons subsídios e com planejamento bem estudado.

3 — Os Centros Vocacionais Provinciais devem exercer e promover o Apostolado Vocacional com grande espírito de caridosa união ativa com o Clero Religioso e o Secular.

4 — O organismo mais apto para promover uma colaboração mais concreta entre os Religiosos (especialmente no setor dos subsídios e dos cursos) parece ser a mesma C. R. B. através de seu Departamento Vocacional.

**DA PASSAGEM, DO EGRESSO E DA DEMISSÃO DE RELIGIOSOS**

**Frei Francisco Xavier Bockey, O. F. M.**

(Continuação do número anterior)

**II — Da passagem: B) para outra Província**

Estranhamos, com razão, que nem o Código nem os canonistas nos digam algo sobre a passagem de uma província religiosa para outra da mesma religião (35). Contudo, é um indício insofismável de que esse assunto deve ser regulado pelo direito particular.

1. **Licença.** — Para esse trânsito não se requer indulto apostólico, mas basta a licença do Superior Maior a não ser que as Constituições próprias da religião prescrevam outra coisa. A natureza do contrato existente entre o religioso e a sua província proíbe que uma das partes o dissolva, sem causa grave e antes de certo entendimento mútuo, observando-se, além disso, as prescrições do direito. Ademais, ninguém pode incorporar-se em uma província alheia, sem o consentimento dos Superiores competentes que, por sua vez, examinarão as causas e ouvirão o parecer dos Superiores próprios do religioso. E, como se trata de assunto muito importante e, de algum modo, excedente à autoridade dos Superiores provinciais, se requer, geralmente, que o Superior provincial do religioso, havido consentimento por escrito do Conselho da província própria e da outra, peça ao Moderador Geral licença e obediências para que o dito religioso possa seguir para a província na qual deseja ser incorporado. Se a licença do Geral é exigida logo no comêço ou só depois da provação, i. e., para a incorporação definitiva, depende das Constituições.

2. **Causas.** — As principais causas graves são: saúde, clima, trabalhos, incompatibilidades com os Superiores atuais ou com os confrades ou co-irmãs.

3. **Provação.** — E' muito justo que se conceda à nova província certo prazo de tempo para examinar o transeunte. Durante a provação, continua pertencendo à província antiga, devendo voltar e ser recebido, se não fôr admitido na outra província.

4. **Precedência e officios.** — Comumente, o religioso que passe, ocupa, na ordem de precedência, o último lugar entre os de sua classe. E, tornando-

(35) Não se compreende por que na maioria das Constituições de religiosas falem normas concernentes ao trânsito, tanto para outra religião ou outro mosteiro, como também para outra classe.

se definitiva a sua incorporação, a precedência é contada desde o dia em que se concretizou a incorporação. As Constituições ou lei particular da Ordem, Congregação, Sociedade e Instituto determinarão tudo exatamente, dizendo ainda se o religioso, logo ou somente depois de decorrido certo número de anos, pode ser promovido aos ofícios da Ordem, Congregação etc.

**5. Noviciado e Profissão.** — A semelhança do monge que passe de um mosteiro independente para outro, o religioso transeunte de uma província para outra da mesma religião não faz noviciado nem nova profissão.

**6. Volta.** — Arrendendo-se o religioso mais tarde, na passagem de volta deverá observar o mesmo processo, se o direito particular não disser algo diferente. Frequentemente perderá a antiga precedência que teve na sua província, devendo ocupar o lugar que lhe compete desde o dia da nova recepção.

Tôdas as restrições ficam sem efeito, quando o religioso passa ou volta por ordem do Geral para utilidade da Ordem, Congregação ou província (36).

### III — Da passagem: C) para outra classe

Em muitíssimas religiões, clericais e leigas, masculinas e femininas, há duas ou três classes de religiosos (37). Acontecendo, às vezes, que um religioso ou uma religiosa queira, livremente ou por certa imposição dos Superiores (38), passar para outra classe, será conveniente lembrarmos alguns princípios que, sobretudo nas Constituições das religiosas, em vão se procuram. As religiões da Igreja Oriental parecem ser mais felizes neste ponto, uma vez que o cân. 91 manda que nesta matéria seja observado o direito particular. Onde faltam determinações de direito particular, nem os próprios canonistas estão muito concordes (39).

**1. Noção e espécies.** — A passagem para outra classe não importa no abandono do estado religioso nem na mudança de religião, mas apenas na mudança de classe dentro da mesma religião, província ou mosteiro independente. De conformidade com as circunstâncias, o trânsito pode ser efetuado durante o noviciado, durante os votos temporários ou mesmo depois de emitidos os votos perpétuos, como ainda depois de se ter esgotado o prazo dos votos. Acontece ainda que certa pessoa, tendo passado para outra classe, queira, mais tarde, voltar para a primeira.

- (36) Supõe-se que as Constituições concedam ao Superior geral esta faculdade.  
 (37) Clérigos-irmãos leigos; clérigos-irmãos conversos; coristas-conversas; monjas coristas-irmãs externas; coristas-leigas-ostiárias (rodeiras).  
 (38) Cf. Larraona, CPr. XXIII (1942), pág. 86 nota 1038; pág. 246; *Constituições Gerais da O.F.M.*, art. 106 § 1.º, Art. 107, § 2.º Naturalmente assiste ao religioso o direito de pedir dispensa dos votos, como certas causas podem ser suficientes para negar a profissão perpétua ou mesmo decretar a demissão. (Cf. Schaefer, *De Rel.*, n.º 267, b. Maiores detalhes mais tarde).  
 (39) Cf. Hanstein, P. Hon., OFM., *Ordenrecht, Paderborn*, 1953, § 76; p. 269 e nota 1.

2. **Licença.** — Não há mais necessidade de um indulto apostólico (40), a não ser que se trate da passagem simultânea para outro mosteiro "sui iuris" da mesma Ordem. Exige-se, porém, a licença do Superior Maior e do Conselho, conforme mandarem as Constituições (41). Para não perigar a validade do noviciado, requer-se também sempre o consentimento do próprio religioso. A autorização dada pelo Superior Maior, com seu Conselho, basta, ainda que os votos do transeunte tenham terminado ou mesmo que ele seja de profissão perpétua (42).

3. **Causas.** — Se a passagem é livremente requerida pelo religioso, basta qualquer justa causa, como: dificuldades experimentadas nos estudos, pouca inclinação para os trabalhos sacerdotais e maior habilidade nas obrigações próprias dos leigos, quando se tratar de clérigo; no leigo poderá ser a especial capacidade para os estudos ou a acentuada inclinação para o sacerdócio. Da parte da religião, que se não apenas aconselhar mas impuser a passagem, exigir-se-ão causas graves que, por sua vez, afetam quase exclusivamente os clérigos. Assim, o Superior competente poderá decretar a passagem do clérigo para a classe de leigos em razão das causas pelas quais deva ser afastado das ordens sagradas, quer por motivo de pena, quer por falta de idoneidade canônica (43), à qual pertence também a inaptidão para os estudos (44). Ao Irmão leigo só raríssimas vêzes será impôsto o trânsito para o estado clerical (câns. 214, § 1, 971, 2352). Entre as religiosas as causas são as mais variadas, desde a incapacidade para os estudos exigidos em cada religião até à falta de habilidade para certos trabalhos da classe em que se encontram, desde o desejo de servir a Deus pelo máximo recolhimento e pela recitação do S. Offício até à vontade de não mais fazer parte das irmãs coristas preferindo os serviços das conversas, porteiras, rodeiras etc.

4. **Noviciado.** — O nôvo noviciado é indispensável, porque, segundo o cân. 558: "Nas religiões em que há duas classes de membros, o noviciado para os de uma não vale para os de outra". Nas religiões em que existem apenas diversas categorias de pessoas, mas não propriamente classes diferentes, como por exemplo, na Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs e na Sociedade de Dom Bosco, há um só noviciado para todos, sem que se

- 
- (40) Cf. Goyeneche, CpR. III, pág. 10 e nota à pág. 11, cit. em: *Quaest. canon.*, I, pág. 335, nota 1. A disciplina antiga proibia aos regulares a passagem do estado dos leigos para o clerical, a não ser que tivessem obtido o indulto apostólico (Const. Clem. VIII "Cum ad regularem", de 19 de março de 1003-CIFI 189). Embora julgassem melhor recorrer à S. Sé, consideravam licita a passagem do estado clerical para o dos leigos, se os Superiores a tinham autorizado.
- (41) Cf. Larraona. *lug. cit.*, pág. 246. O voto é geralmente deliberativo. Em se tratando da passagem de professos, as nossas Const. Gerais exigem a licença do Superior Geral, a que também, exclusivamente, compete impor a passagem (arts. cits.).
- (42) A opinião de Blat. *De Rel.*, exigindo para o religioso de votos perpétuos um indulto apostólico, é rejeitada por Larraona, *ib.*, pág. 246, nota (1040).
- (43) Cf. CC.GG. O.F.M., art. 107, § 2.º.
- (44) Cf. Goyeneche, *Quaest. canon.*, II, págs. 161 e 166.

faça uma separação ou distinção entre os clérigos e conversos (45). Se as Constituições permitirem que todos entrem para um noviciado comum, ficando a separação em classes para depois do mesmo, o cânone não é aplicado (46). Nos demais casos, os religiosos e religiosas devem repetir o noviciado canônico que, conforme norma do cân. 671 § 1.º, poderá ser prorrogado por mais seis meses pelos legítimos Superiores. É opinião provável dos canonistas que o segundo ano de noviciado, prescrito em certas religiões, não obriga (47). Larraona acha, no entanto, que nas religiões em que o direito particular prevê maior prazo, o tempo excedente pode, razoavelmente, ser imposto (48). O clérigo que passe para a classe dos leigos ou conversos não fará o postulante (49).

Durante o noviciado, os votos substanciais e as obrigações provenientes das Constituições continuam em vigor. Os demais votos e normas peculiares que se referem à classe "a qua" ficam suspensos. As obrigações da nova classe competem ao transeunte como a qualquer noviço desta classe (50). Cessando os votos, deve renová-los na classe a que pertencia antes de começar o noviciado (51); para a profissão na nova classe falta-lhe ainda o noviciado completo (52). Em caso de arrependimento, o religioso voltará para a sua classe, mas não está obrigado a fazer novo noviciado (53).

**5. Profissão.** — Terminado o noviciado, o transeunte é admitido, com o voto deliberativo do Conselho (54) à profissão na classe para a qual passou (55). Para ultimar o trânsito do religioso de votos temporários, o direito não impõe, nem os Superiores podem impor, que o noviço faça votos trienais segundo a norma do cân. 574, porque, de acordo com a opinião co-

- (45) É preciso que esse costume seja realmente aprovado pelo direito particular e sancionado nas Constituições. (Cf. Larraona, *ib.*, pág. 183. Tabera, *op. cit.* n.º 222, pág. 293 2.º).
- (46) Cf. Larraona, *ib.* pág. 185
- (47) Nem quanto à validade, nem quanto à liceidade. (Cf. Hanstein, *op. cit.*, § 81 pág. 270; Larraona, *ib.*, pág. 184, b) I). Exigem, ao contrário, o segundo ano ou a dispensa apostólica, p. ex., Goyeneche, *Quaest. canon.*, I pág. 341 e Tabera, *op. cit.*, n.º 222, pág. 293, b).
- (48) Cf. Larraona, *ib.*, pág. 348.
- (49) Cf. Goyeneche, *ib.*, pág. 340; Tabera, *ib.*
- (50) Cf. Larraona, *ib.*, pág. 247. Deve vestir o hábito da nova classe.
- (51) Cf. Goyeneche *CpR*, XXV (144-1946), págs. 220-221; Tabera, *op. cit.*, n.º 222, pág. 293, 3.º; Larraona, *ib.*; Hanstein, *op. cit.*, pág. 270.
- (52) Cân. 527 § 1, 3.º. (Cf. Goyeneche, *ib.* pág. 342).
- (53) Nem parece necessária nova profissão, a não ser que, p. ex., a profissão das coristas seja diferente da que é feita pelas conversas. (Cf. Goyeneche, *ib.* pág. 339).
- (54) Assim Larraona, *ib.*, pág. 248 2.º e Hanstein, *op. cit.*, pág. 270. De opinião contrária são, p. ex.: Regatillo *Inst. I. C.*, Santander 1951, n. 704, pág. 482 Reijersbergen, em *Periodica* 26 (1937), pág. 153; Schaefer, *op. cit.*, n. 1514. A estes responde Larraona que realmente se trata da primeira profissão da nova classe.
- (55) Cf. Goyeneche, *ib.*, pág. 342 e, comumente, todos os canonistas. Larraona, *ib.*, admite a necessidade absoluta apenas para o caso em que o religioso na nova classe assumir obrigações diversas das da classe "a qua".

num dos canonistas (56), basta completar o tempo que falta à profissão emitida na primeira classe, salvo sempre o direito do Superior Maior de prorrogar o tempo, mas não além de outros três anos (cân. 574, § 2.º) (57). Se o legislador exigisse um novo triênio de votos, tê-lo-ia dito, como estatuiu, expressamente, a repetição do noviciado (58). O religioso de votos perpétuos, sendo admitido, fará imediatamente os votos perpétuos, simples ou solenes na nova classe. O noviço que não conseguir aprovação para a nova classe voltará automaticamente para a primeira classe. Terminando o tempo dos votos, ao religioso de profissão temporária pode ser negada a renovação da profissão e também a admissão à profissão perpétua. Ao professo de votos perpétuos pode ser dado o conselho de pedir a dispensa dos votos, quando se mostrar a sua inaptidão, mas não pode ser demitido, a não ser de acôrdo com a norma do direito comum (59).

6. **Precedência.** — Tratando-se de um clérigo que passa para a classe dos leigos, êle conserva entre êstes a precedência correspondente à primeira profissão. Passando, ao contrário, um leigo para a classe de clérigos, a sua precedência é contada desde o momento da nova profissão (60).

7. **Condição dos Clérigos.** — A passagem do clérigo para a classe de irmãos não afeta, de forma alguma, o estado clerical. Durante o noviciado, o clérigo continua no seu estado, de maneira que, se a praxe constante não fôsse contrária, deveria conservar a tonsura e trajar a veste clerical (61). Mas, qual será a sua condição depois da profissão? O religioso com ordens sacras, certamente, não é reduzido, pela profissão, ao estado leigo. Não lhe sendo infligida a redução como pena canônica (62), é preciso recorrer à S. Sé (cân. 211, § 1.º). Mesmo que se trate apenas de um tonsurado ou minorista, o trânsito ou a profissão não exerce nenhum influxo sôbre o estado dêle. De acôrdo com o cân. 211, § 2.º, basta, porém, a simples vontade do transeunte de querer regressar ao estado leigo. Faltando essa vontade, o Ordinário do lugar, havendo justa causa, poderá decretar a redução. To-

(56) Cf. Goyeneche, *ib.*, pág. 344; Tabera, *op. cit.*, n. 222, pág. 293. b; Larraona, *ib.*, pág. 248, c.

(57) Se o tempo dos votos já foi prorrogado na primeira classe, não pode haver outra prorrogação sem autorização da S. Sé ou determinação das Constituições. Assim, as CC. GG. O. F. M. exigem, antes da admissão à profissão solene, "um ano sôbre o segundo noviciado, mesmo que antes de passar para a nova classe tivesse permanecido um triênio ou mais com votos temporários" (art. 106, § 4.º).

(58) Mesmo, porque, na passagem de um religioso perpétuamente professo, um triênio de votos temporários seria uma contradição e não teria cabimento. Cf. Goyneche, *ib.*, 336.

(59) Cf. Larraona, *ib.*, pág. 249.

(60) Cf. Larraona, *ib.*, pág. 248 chamando a essa precedência *lei geral*, porque corresponde ao estilo da Cúria Romana.

(61) Cf. Regatillo, *op. cit.*, 1 n. 704 pág. 482 "quia mos non est"; Larraona, *ib.*, 249, b, nota (1054).

(62) Cf. cân. 1576, § 1, 2.º; 2298, n. 10-12; ou "ipso facto": cân. 132, § 2; 136, § 3; 141, § 2; 648; 669, § 2.

davia, quem será o Superior competente com relação aos religiosos isentos e, em geral, a respeito dos que perderam a própria Diocese, em virtude da profissão perpétua? (cân. 585). Não se podendo atribuir a faculdade ao Superior Maior, ou seja, ao Ordinário religioso, porque o tratado sobre a redução ao estado leigo fala, exclusivamente, do Ordinário local, Larraona opina (63) que, para os não-isentos, êsse direito assiste ao Ordinário do lugar, em cujo território está a casa religiosa, enquanto para os isentos não resta senão o recurso à S. Sé. Em caso de regresso ao estado clerical, o tonsurado ou minorista precisa do decreto do seu Ordinário do lugar ou, não pertencendo a nenhuma Diocese, do Ordinário próprio (64) (cân. 212, § 1.º). O ordenado "in sacris" carece da licença da S. Sé (ib. § 2.º).

(63) Cf. Larraona, *ib.*, pág. 251.

(64) Cf. Regatillo, *op. cit.*, I, n. 386, pág. 271, 3.º

## Edições Paulinas — Discos

**APRESENTA:** mais uma coleção de LP, para alegria e conforto da família brasileira.

### A VIDA DE JESUS

Numa dramatização perfeita dos maiores mistérios divinos, com fundo musical brilhante e colorido.

Ouvindo esta mensagem de Paz e de Amor, ocorrem espontâneas à nossa mente, as palavras do Mestre Divino: "Vinde a mim todos os que trabalhais e sofreis e eu vos aliviarei" Mt. 11, 28.

Aproximemo-nos confiantes de Jesus, para ouvir sua palavra de AMOR, de CONFORTO, de PAZ e de PERDÃO.

Obra inédita que se presta magistralmente para representações teatrais.

### A VIDA DE JESUS

N. 1 Face A: Infância de Jesus. Face B: Ensinamentos de Jesus.

N. 2 Face A: Milagres de Jesus. Face B: Parábolas de Jesus.

N. 3 Face A: Paixão e morte de Jesus. Face B: Ressurreição e Ascensão

Cada Disco: Cr\$ 1.300,00

Coletânea: Cr\$ 5.000,00

## A CRB E A PASTORAL REGIONAL DO NORDESTE

Pe. Tiago G. Cloin Csr

O Nordeste continua liderando o movimento de renovação pastoral no Brasil. No "Centro de Treinamento" do Secretariado Regional da CNBB, em Ponta Negra, perto de Natal—RN, sucedem-se, quase sem interrupção, os cursos de formação e encontros de planejamento. Em janeiro último, participou a CRB oficialmente na Semana de revisão e atualização do planejamento pastoral (cfr. "Revista da CRB", 1963, pgs. 241-244), e recentemente o Secretário-Geral esteve presente a mais duas importantes reuniões.

### 1 — A Pastoral nordestina perante a SUDENE

A SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), gigantesco plano do Governo Federal para promover o desenvolvimento desta região, está passando da fase de estudos e planejamentos para a fase de execução. Não haverá no Nordeste nenhum fator que contribua tanto para a rápida transformação sócio-econômica e afete, por conseguinte, mais profundamente a Pastoral da Igreja nesta área.

Foi este o motivo, por que S. Excia. Revma. Dom Eugênio de Araújo Sales, responsável pelo Secretariado Regional da CNBB, convocou de 5 a 11 de maio p.p., para Ponte Negra, um grupo de especialistas para estudarem os projetos e a atuação da SUDENE e sua repercussão sobre a Pastoral nordestina. Participaram nos estudos, sob a presidência de Dom Eugênio, técnicos em Agronomia, Economia, Sociologia, Psicologia, Serviço Social, Educação e Pastoral, e representantes do Secretariado Regional, da equipe do Mundo Melhor e da Conferência dos Religiosos do Brasil.

A vasta matéria foi estudada em seis itens:

1 **Pastoral das grandes rodovias** — a) da São Luís-Belém, b) da Rio-Bahia, c) da Brasília-Belém, e d) da Brasília Fortaleza. Todos conhecemos o drama humano, de crescente proporção, que estas estradas constituem para a nação inteira. Qual a resposta pastoral que a Igreja dará a este grave problema? Como levar ao enorme número de migrantes uma mensagem evangélica?

2. **Pastoral dos novos centros industriais** — A industrialização do Nordeste está se iniciando: a) no Recôncavo Baiano, Arquidiocese de Salvador—BA, com a Petrobrás e a indústria siderúrgica, b) em Paulo Afonso—BA, com as grandes obras hidrelétricas, c) na Diocese de Ilhéus—BA, com a industrialização do cacau, d) em Macau e Areia Branca—RN, com a indústria do sal e química, e e) no litoral nordestino, com a industrialização e comercialização da pesca (p. ex. da lagosta). Estas áreas merecem particular atenção

do Secretariado Regional, pois são, em geral, as zonas industriais que têm maior influência no desenvolvimento religioso-moral do país.

**3. Pastoral dos novos centros de colonização** — A SUDENE realizará no Polígono da Sêca grandes obras de irrigação, o que levará à formação de novos centros de colonização: a) no médio São Francisco, no Estado da Bahia, b) no vale do Jaguaribe, no Ceará, com o açude de Orós, c) no vale do alto e Baixo Piranhas, nos Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, com os açúdes de São Gonçalo-PB e Curema-PB, d) em geral, os vales úmidos próximos às grandes cidades.

**4. Pastoral das cidades** — É principalmente das cidades que irradia o estilo de vida sobre uma região. a) Sendo Recife-PE a "capital" econômica, política, cultural e ideológica do Nordeste inteiro, deverá a Igreja dedicar particular atenção à Capital pernambucana. b) Entre as cidades intermediárias do Nordeste, Campina Grande-PB ocupa um lugar especial, podendo ser considerada como protótipo. Valeria a pena fazer aqui uma experiência-piloto de Pastoral urbana.

**5. Pastoral dos aeroportos** — Quase todos os que viajam de avião do Sul para o Nordeste, e vice-versa, passam pelo aeroporto de Recife-PE e de Salvador-BA. Muitos deles ocupam postos de responsabilidade e têm, por conseguinte, influência em muitos outros. Além disso, goza o passageiro aéreo de um estado de alma psicológico bem peculiar. A Igreja como poderá aproveitar de tôdas estas circunstâncias para uma evangelização?

**6. Pastoral de setores** — A atuação da SUDENE afetará diretamente ainda vários setores relacionados com a Pastoral. Mencionemos: a) a educação em todos os níveis, desde o primário até, inclusive, ao universitário, b) a sindicalização, c) o cooperativismo, d) o artesanato, e) a habitação popular etc.

Neste encontro, se destacou uma série de pontos estratégicos e de setores vitais da Pastoral que exigem uma particular "presença" da Igreja no Nordeste. Para a Conferência dos Religiosos constituem os estudos, realizados durante êsses dias, um valioso subsídio para a orientação que costuma dar aos Institutos Religiosos do Brasil e do exterior que pretendem aceitar novas fundações no Nordeste brasileiro. Foi êste o principal motivo por que a CRB foi convidada para participar neste encontro.

## 2 — Encontro dos Missionários do Nordeste

Durante a Semana de planejamento Pastoral nordestina, de janeiro p.p., Dom Eugênio de Araújo Sales tratou com o Secretário-Geral da CRB a questão do entrosamento da pregação das Santas Missões na Pastoral de conjunto dos Bispos do Nordeste. Daí se originou a idéia de a CRB organizar, em colaboração com o Secretariado Regional de Natal, um encontro de Missionários das várias Congregações que se dedicam no Nordeste a êste apostolado especializado.

1. **O Encontro** — De 11 a 17 de junho p.p. reuniu-se, em Ponta Negra, um grupo de Missionários do Nordeste, dos quais um Capuchinho, três Franciscanos, quatro Lazaristas e dez Redentoristas. Participaram ainda do encontro, além de Dom Eugênio, os Pcs. José Marins e Valfredo Tepe OFM, da equipe do Mundo Melhor, dois membros do Secretariado Regional da CNBB, três Redentoristas, observadores das Províncias do Rio de Janeiro-GB e Manaus-AM, e o Secretário-Geral da CRB.

Para garantir o clima propício entre os participantes, iniciamos o encontro com dois dias de reflexão espiritual, orientada pela equipe do Mundo Melhor, que terminou com uma análise do Mistério da pregação, baseada no livro do Pe. Paul Hitz Csr: "A pregação missionária do Evangelho" (Agir, 1962).

Colocando o problema do entrosamento das Santas Missões com a Pastoral de conjunto do Nordeste, Dom Eugênio dedicou um dia inteiro à realidade nordestina, expondo aos missionários primeiro a situação sócio-econômica da região e, depois, o plano pastoral do Secretariado Regional. Em seguida, apresentou cada uma das Províncias presentes um relatório sobre as suas experiências missionárias: sistema das Santas Missões, pontos positivos e negativos, êxitos e fracassos; dificuldades e problemas. Depois deste "tour d'horizon", discutiram-se sucessivamente os seguintes assuntos: elementos essenciais e contingentes da Missão, a preparação da Missão e a renovação da pregação da Missão. Seguiu-se o conhecido método de trabalho: após uma breve exposição, indicando os vários problemas do assunto em pauta, os Missionários se dividiram em pequenos grupos para discutir, em círculos de estudo, o problema, procurando-lhe a solução. No fim do dia, os resultados dos círculos foram comunicados ao plenário para discussão final e redação das conclusões.

2. **Os resultados** — Para dizer a verdade, nenhum dos participantes tinha, no início, a mínima idéia dos resultados que este encontro iria dar. Chegaríamos a alguma coisa concreta? O problema da renovação das Santas Missões e sua adaptação à realidade nordestina é muito vasto e complexo. Cada Congregação, afinal, tem sua tradição e seu método próprios. Não iria o encontro terminar em uma acentuação da peculiaridade de cada Instituto Religioso ou, quiçá, em sua maior oposição entre "inovadores" e "conservadores", dentro da mesma Província? Mas a reunião dos Missionários encontrou o rumo certo e levou a resultados que ninguém tinha previsto.

As conclusões do encontro, elaboradas por uma comissão especial e votadas e aprovadas em plenário, serão publicadas brevemente nesta nossa Revista. Seguem aqui os pontos mais importantes.

a) Sem maiores discussões, os Missionários chegaram à conclusão de que a **pregação missionária deve ser atualizada**, conforme as conquistas da Teologia moderna e na linha da obra: "A pregação missionária do Evangelho". Para isto é indispensável uma reeducação teológica dos Missionários que solicitaram a organização de cursos de atualização teológica.

b) Todos os Missionários se sentiam angustiados com um duplo pro-

blema: como pregar com fruto as santas Missões em regiões praticamente descristianizadas, p.ex. em muitas áreas urbanas e na zona da cana, e como perpetuar os frutos da Missão em regiões que continuam praticantes, particularmente no interior? Várias experiências para resolver êstes problemas já foram feitas, porém sem suficiente resultado. A convicção de todos era de que, mais ainda que a renovação da pregação, será necessário encontrar um nôvo tipo de preparação da Missão. Deliberando e discutindo, os Missionários descobriram, aos poucos, que tôdas, as experiências, feitas até agora, já estavam implicitamente na linha daquilo que o "Plano de Emergência da CNBB" recentemente e de modo explícito elaborou para a renovação da paróquia e do ministério sacerdotal. O entrosamento completo da preparação das santas Missões com esta parte do "Plano de Emergência" será o caminho para uma frutuosa pregação da Missão em terras tradicionalmente praticantes. **A preparação da Missão consistirá, portanto, em ajudar a paróquia a ser missionária, a iniciar ou intensificar a execução do "Plano de Emergência",** promovendo, em extensão e profundidade, o engajamento, em dois níveis, do clero, Religiosos, Religiosas e grupos de leigos: engajamento na vida cristã pessoal e engajamento na vida comunitária pela organização e estruturação dos vários ramos do apostolado paroquial. Depois dêste trabalho missionário de preparação, realizado em várias etapas, seguir-se-á o "tempo forte" da Missão, i.e., a pregação pròpriamente dita da Missão, que deverá ser uma pregação do Mistério global da vida cristã para a paróquia inteira. A pós-Missão consistirá em sustentar a perpetuação dos frutos da Missão, confirmando os grupos do Clero, Religiosos, Religiosas e leigos, no seu engajamento nos dois níveis, acima indicados. Durante o tempo da preparação da Missão não serão os Msionários que realizam a estruturação da paróquia, mas os próprios paroquianos, sob a direção do Vigário. A tarefa específica dos Missionários será a promoção do engajamento dêles neste trabalho.

c) Colocou-se o problema da **absolvição coletiva nas Missões**, particularmente nas regiões onde o número de confissões alcança proporções assustadoras, de forma que os Missionários não podem atender a todos, nem mesmo com a maior dedicação e zêlo apostólico. Qual a melhor solução? o caso já foi tratado pelo Pe. Jaime Snoek, Csr, num artigo da REB (1957, pgs. 411-418). Sendo o assunto de grande importância e de imensa responsabilidade, Dom Eugênio designou uma comissão que durante o encontro elaborasse um parecer que será eventualmente apresentado à CNBB.

.. d) Para chegar a uma pregação de Missão adaptada às particulares necessidades do Nordeste, que levasse também em consideração as áreas prioritárias pastorais da região, os Missionários resolveram criar uma **Comissão permanente das Missões**, composta de representantes das várias Províncias missionárias, intimamente entrosada com o Secretariado Regional da CNBB. A Comissão articular-se-á para conseguir um planejamento das Missões para o Nordeste inteiro, de um lado com os Revmos. Srs. Bispos e, de outro, com os Revmos. Superiores Maiores dos Missionários, e promoverá encontros periódicos e semanas de estudo para os mesmos.

d) Finalmente, surgiu a idéia de fundar, pela colaboração da CNBB e CRB, um **Instituto de Pastoral do Nordeste**, que organizasse um curso ordinário de Pastoral, de seis meses para os sacerdotes recém-ordenados, seculares e regulares, e outro de atualização da Pastoral para sacerdotes que já tenham vários anos de experiência pastoral. É este Instituto que organizará também os cursos de atualização teológica dos Missionários.

Dom Eugênio se entusiasmou pela idéia e sondará os Exmos. Srs. Bispos do Nordeste sôbre a viabilidade da fundação dêste Instituto.

Encerrando o encontro, foi combinado entre Dom Eugênio e o Secretário-Geral da CRB que todos os Superiores Maiores de Províncias que pregam Missão no Nordeste fôssem convidados para uma reunião em Recife, aos 10 de agosto p. f., a fim de comunicar-lhes as resoluções do encontro dos Missionários e pedir-lhes a indispensável cobertura moral e canônica.

Revmo. Sr. Vigário

O Boletim "LÊ E VÊ" para 1964 está ao seu alcance pelo mínimo preço de Cr\$ 3,00 a 4,00 por unidade, dependendo da quantidade.

Faça o seu pedido, quanto antes, a

**PUBLICAÇÕES LIGUORI**

**Caixa Postal, 458**

**Belém — Pará**

## **SUPERIORAS MAIORES DO BRASIL MEDITAM SÔBRE A RENOVAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA**

Organizou a CRB, no primeiro semestre dêste ano, três cursos do "Mundo Melhor" para Superiores Maiores e Assistentes: em Recife-PE, de 15 a 21 de abril; no Rio de Janeiro-GB, de 22 a 28 de abril; e em Barueri-SP, de 5 a 12 de maio. Ao todo, participaram mais de 120 Madres.

No primeiro curso, em Recife, as Madres, orientadas pela Equipe Nacional do Mundo Melhor, elaboraram uma série de conclusões sôbre a renovação da vida religiosa, revisadas e completadas, primeiro, pelas participantes no curso do Rio de Janeiro e, depois, pelas do Curso de Barueri.

A Diretoria julgou oportuno publicar na Revista estas conclusões, pois elas constituem um eloqüente testemunho do espírito de uma sadia renovação da vida religiosa nas Províncias femininas do Brasil. O estudo aprofundado dêste documento pelas Cúrias generalícias e provinciais, acompanhado por um sério e sincero exame de consciência sôbre a vida religiosa nas suas Congregações, Províncias e Casas religiosas, poderá contribuir notavelmente para intensificar a irradiação da perfeição evangélica em nossa Pátria.

### **I — VIDA RELIGIOSA**

#### **A) Objetivo geral:**

- Intensificar nas comunidades religiosas o testemunho vivo de consagração total a Deus e doação ao próximo, na vivência plena do Corpo Místico.

#### **B) Objetivos específicos:**

- Ativar nas comunidades religiosas a consciência de sua inserção na Igreja.
- Intensificar o sentido teológico e eclesial dos votos.
- Revitalizar nas Congregações o espírito comunitário, tornando-as comunidades mais autênticas de Fé, de Culto, de Caridade.

#### **C) Meios:**

##### **1 — Consciência de inserção na Igreja**

###### **Nas casas de formação**

- Formar, antes de tudo, para uma ascese cristã comunitária, baseada na doutrina do Corpo Místico.
- Mostrar que a vida religiosa é aperfeiçoamento da vida cristã.

- Dar uma visão total da Igreja.
- Estudar o papel de Nossa Senhora no Corpo Místico.

#### **Nas comunidades em geral:**

- Levar as comunidades religiosas a uma vivência sempre mais profunda do Corpo Místico, dentro da própria Congregação e no entrosamento das Congregações entre si. Para isto, promover:
  - encontros, dias de estudo, confraternizações;
  - participação dos acontecimentos mais importantes das Congregações;
  - ajuda às comunidades mais necessitadas, da própria Congregação e também das outras, numa circulação de bens espirituais, culturais e também materiais.

#### **Na Comunidade Paroquial:**

- Procurar comungar das solitudes pastorais.
- Integrar as atividades da Casa no plano geral da Paróquia.
- Ajudar a formar no laicato o sentido da militância cristã.

#### **Na Comunidade Diocesana:**

- Viver o sentido eclesial do Bispo.
- Atender com solicitude às orientações dadas às Religiosas.
- Sentir e viver os problemas da Diocese.

#### **Na Igreja:**

- Abrir-se para os seus problemas, suas preocupações e progressos, desde o Noviciado.
- Participar dos grandes acontecimentos universais, nacionais e diocesanos, através de estatísticas, revistas, conferências, meios gerais de difusão.
- Estudo dos documentos pontifícios, desde o Noviciado.
- Ter presentes as necessidades da Igreja na vida de oração e sacrifício.
- Dar mais ênfase às festas universais da Igreja com prioridade sobre as festas da Congregação.
- Acompanhar o desenvolvimento teológico, bíblico, litúrgico e pastoral no mundo, no Brasil e na região. Pedir às Secções Estaduais da CRB e aos Secretariados regionais da CNBB a organização de cursos.
- Dar a tóda espiritualidade fundamento teológico, baseando-a na doutrina do Corpo Místico e numa linha bíblica, litúrgica e marial.

## **2 — Sentido teológico e eclesial dos votos.**

#### **Obediência:**

- Formar as Religiosas para uma obediência sobrenatural e adulta, criando um clima para o diálogo baseado na caridade fraterna, no respeito à autoridade e no estímulo à iniciativa e ao desenvolvimento dos talentos.

**Pobreza:**

- Dar concretamente testemunho de amor à pobreza, individual e coletiva:
  - na evangelização e promoção dos pobres;
  - no aspecto das casas religiosas e no estilo das construções;
  - na aplicação da Doutrina Social da Igreja, não esquecendo o dever do salário justo.

**Castidade:**

- Dar uma formação essencialmente positiva, que seja valorização e sublimação da afetividade humana, na linha duma consagração total a Deus.

**3 — Espírito Comunitário**

- Reproduzir na Comunidade a vida comunitária da SS. Trindade.
- Estimular um espírito de equipe, dentro da ascética da verdade.
- Fazer com que as Religiosas vivam uma Comunidade de Fé, de Culto e de Caridade.

**Comunidade de Fé:**

- Promover a leitura e o estudo da Bíblia, fonte da Verdade.
- Criar um clima de ascese, procura e circulação da Verdade.
- Realizar círculos, debates, semanas de estudo, renovação da biblioteca.
- Orientar a competência profissional em função do bem comum, não só dentro da Congregação, mas ainda visando o bem da Igreja.
- Dar a tôdas as Irmãs oportunidades para um desenvolvimento cultural (profano e religioso) e profissional.

**Comunidade de Culto:**

- Acompanhar o movimento litúrgico da Igreja, à luz dos documentos pontifícios.
- Fazer com que o espírito da liturgia informe a vida comunitária, sintonizando com os diversos tempos dos ciclos.
- Dar preferência às orações e cantos litúrgicos.

**Comunidade de Caridade:**

- Intensificar nas Comunidades um verdadeiro espírito de família, quebrando os formalismos para a abertura à espontaneidade e simplicidade.
- Pôr em comum não só os bens materiais, mas também os espirituais, intelectuais, alegrias, preocupações, êxitos e fracassos.
- Cultivar a atitude permanente de disponibilidade para servir.
- Aceitar e respeitar a personalidade do outro e ajudá-lo a se realizar.
- Pôr em prática a revisão da vida de trabalho.
- Na verdade e na caridade, informar as Superiores Maiores sobre a situação real das casas e Províncias.

## II — ATUAÇÃO APOSTÓLICA

A) **Objetivo geral:**

- Inserir as Comunidades religiosas na Pastoral de Conjunto das Regiões, dentro do Plano de Emergência da CNBB, numa visão do Brasil e da Igreja.

B) **Objetivos específicos:**

- Proporcionar a tôdas as Religiosas o conhecimento objetivo da realidade brasileira e da Região.
- Orientar as atividades apostólicas das Religiosas dentro do Plano de Emergência.
- Levar as Religiosas a uma ação coordenada dentro de suas respectivas regiões.

C) **Melos:**1 — **Para favorecer o conhecimento da situação da região**

- Utilizar os recursos locais (Sacerdotes e leigos entrosados no assunto, publicações alusivas etc.).
- Solicitar dos órgãos competentes (Secretariado Regional da CNBB e Secção Estadual da CRB) contribuição, através de conferências, palestras e material informativo.

2 — **Para orientar o apostolado das Religiosas dentro do Plano de Emergência.**

- Promover, nas Comunidades Religiosas e junto aos leigos, o conhecimento do Plano de Emergência; o estudo da Doutrina Social da Igreja e sua aplicação à realidade brasileira; o aprofundamento da dinâmica apostólica da doutrina do Corpo Místico.
- Descobrir, formar, organizar e mobilizar líderes e militantes.
- Dar especial atenção à formação das Normalistas e professoras em geral, levando-as a encarar o magistério como um apostolado a ser exercido, mesmo em detrimento de interesses pessoais.
- Preparar a juventude para o apostolado específico da catequese.
- Aperfeiçoar a formação profissional das Religiosas e dos leigos que colaboram nas obras.
- Valorizar a Enfermagem, estimulando as vocações entre Religiosas e leigos, facilitando-lhes o acesso às Escolas de Enfermagem.
- Liberar membros das Comunidades Religiosas para participarem de Cursos de Orientação Catequética.
- Colocar à disposição dos movimentos da Igreja as Casas, Escolas e Pessoal, mesmo à noite.
- Realizar ou aprofundar a renovação de Educandários, na linha do Plano de Emergência.
- Promover a democratização do ensino, tornando os educandários acessíveis às classes menos favorecidas.

- Procurar uma relativa uniformização das anuidades, seja por encontros de iniciativa privada, seja através dos sindicatos, promovendo-se, neste último caso, prévio entendimento entre os diretores dos nossos Colégios.
- Suprimir despesas supérfluas, como: uniformes de alto custo, mudanças injustificáveis de uniforme e de livros didáticos, cotizações etc.
- Dar especial importância ao trabalho de recrutamento e orientação de vocações sacerdotais e religiosas.
- Orientar o pessoal auxiliar para os institutos e sindicatos.

### 3 — Para levar uma ação coordenada:

- Vitalizar a Secção Estadual da CRB e promover o entrosamento do Secretariado da CRB com o da CNBB.
- Atualizar as reuniões das Religiosas, organizando-as, quanto possível, por zonas e por especialização de atividades.
- No trabalho de âmbito diocesano e paroquial, solicitar a divisão de áreas e distribuição de tarefas, para maior rendimento apostólico, evitando dispersão de forças em iniciativas paralelas.
- Nas fundações, atender às áreas de prioridade indicadas pelo Secretariado Regional da CNBB e pela CRB.
- Cada Congregação procure ter em sua Província alguma obra de sacrifício, isto é, que não seja fonte de renda.
- Oferecer pessoal competente aos secretariados diocesano e paroquial para assumir trabalhos de organização, formação e supervisão, nos vários setores de atividade apostólica.
- Substituir, quando possível, as Religiosas por elementos leigos, a fim de ficarem estas livres para as tarefas apostólicas.
- Não aceitar a administração de obras que não favorecem o exercício do apostolado direto.

## A N U Á R I O

da ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIÃO do RIO DE JANEIRO

136 páginas com a indicação de: Governo Arquidiocesano, Cabido, Cúria Metropolitana, Corte Cardinalícia, Seminário Arquidiocesano, P. U. C., Vicariato Militar, Ordinariato Oriental, Clero Arquidiocesano, Casas de Religiosos, Casas de Religiosas, Arciprestados, Paróquias, Horário de Missas nas Matrizas.

A venda na : CURIA METROPOLITANA  
Rua 7 de Setembro, 14  
RIO DE JANEIRO — GB

## COMUNICAÇÕES

### Clubes Serra de homens de negócio para ajudar Vocações Sacerdotais

O primeiro Clube Serra do Brasil está em organização na Guanabara, tendo como diretores provisórios os Srs. Luís Compagnoni presidente; Oscar Hue de Carvalho, secretário; e Sherman Olsen, tesoureiro.

O Clube é integrado por homens de negócios e de outras profissões e visa a trabalhar pelas vocações sacerdotais e religiosas. Em sua fase de formação os associados estão se reunindo quinzenalmente às quartas-feiras, às 12 horas, no restaurante do 22.º andar da Rua São José 90.

O primeiro Clube Serra foi fundado em Seattle, Estados Unidos, em 1935, existindo hoje centenas deles naquele país, inclusive na província do Alasca, Canadá, Pôrto Rico, Perú. Uruguai, Chile, Argentina, México e outras nações, contando milhares de associados. Para fundação de um Clube Serra é requerido o número mínimo de 25 membros.

A séde do Serra Internacional é em Chicago, com a assistência do Cardeal Albert Moyer.

A ação dos associados dos clubes serranos norte-americanos tem-se feito sentir pelo elevado número de vocações sacerdotais e religiosas por eles ajudadas e cultivadas. A exemplo dos "serranos" norte-americanos, os atuais membros do primeiro Clube Serra brasileiro esperam desenvolver intensa atividade de ajuda às vocações sacerdotais na Guanabara. São assistente e vice-assistente eclesiásticos os Padres Côn. Fernando Ribeiro, Vigário da Candelária, e Pe. Bertrand de Margerie S.J. Já integram o Clube Serra os Srs. Alvaro Pantoja Leite, Antônio Carlos Ballarin, Eduardo Eugênio de Gomenseire, Thomas McGuire, Mário Meireles Braga, José Bianchini, Jorge Cláudio Bocaiuva Bulcão e Benjamim Carvalho Santos. A séde provisória do Clube Serra é: Rua São José, 90, 21.º, sala 2.101.

### BIBLIOGRAFIA

Concílio Vaticano II, Vol. II, Primeira Sessão (set.-dez., 1962), compilado pelo Pe. Frei Boaventura Kloppenburg, O. F. M. — Editora Vozes Ltda., Petrópolis — RJ, 1963, 413 pp.

O Autor, Teólogo conciliar, nos apresenta, neste volume, uma crônica pormenorizada do andamento dos trabalhos da Primeira Sessão do Concílio Vaticano II, com o resultado das votações e o resumo das 578 intervenções dos Padres. Quem — sabendo ter sido publicado o Regulamento do Concílio que prescreve, em seus artigos 26 e 27, sigilo aos Padres, procuradores, peritos, empregados e oficiais — poderia ter esperado tal crônica? Frei Boaventura nos explica sua atitude nas pp. 73-76. E, se nesta crônica houver indiscrições da parte dele, o Exmo. Sr. Arcebispo de Pôrto Alegre, prefaciando a obra, lhe dá a absolvição prévia!

Nos numerosos comentários, o cronista nos interpreta os principais acontecimentos do Concílio — interpretação sempre inteligente e muitas vezes original, mas que nem sempre convencerá a todos. Uma coleção de 53 fotografias ilustra a obra.

Agradecemos sinceramente a Frei Boaventura o nos ter apresentado, como que em "video-tape", o maior acontecimento religioso deste século.

Pe. Tiago G. Cloin, C. ss. R.

Régis Jolivet. **TRATADO DE FILOSOFIA — II — PSICOLOGIA.** Trad. de Gerardo Dantas Barreto. Rio de Janeiro, Ed. Agir, 1963. 696 pgs.

Entre os assuntos de palpitante atualidade é, sem dúvida, a Psicologia o de mais ampla e rápida penetração. Não existe, realmente, na atualidade, mesmo entre as pessoas de cultura média, quem desconheça o valor e a crescente importância da Psicologia em todos os setores da vida humana.

A fim de trazer ao alcance do maior número de leitores os bons livros sobre o assunto, vêm sendo traduzidos famosos autores que, até bem pouco tempo, pertenciam apenas, ao reduzido círculo daqueles que sabiam ler em idiomas estrangeiros. Agora, em excelente tradução, aparece a PSICOLOGIA de Régis Jolivet, nome famoso em nossos meios universitários. Amplia-se desse modo a penetração da obra de Jolivet, aliás muito atualizada e produzida na melhor forma didática. Decano da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Lyon, desenvolve Jolivet, com aquela superior orientação cristã que caracteriza toda a sua obra, o temário da psicologia geral à luz de um sistema realista que não dispensa as relações entre o psicológico e o fisiológico. As três seções básicas do trabalho, "Vida Sensível", "Vida Intelectual" e "O Sujeito Psicológico", harmoniosamente dispostas, têm por epílogo a discussão das questões relativas à espiritualidade da alma, à unidade da alma com o corpo, e à origem e destino da alma, tudo desenvolvido com aquela clareza e autoridade tão peculiares a Jolivet.

Outro fator que distingue o livro em apreço, da maioria de outros que tratam da psicologia geral, é seu enriquecimento de considerações filosóficas, que ora tocam a teologia, ora a ontologia, ora a moral. Complementam-no, ainda, breves incursões no domínio da psicopatologia, bem como análise sumária a respeito da "origem do homem", não só do ponto de vista religioso, como também do científico, à luz da paleontologia antropológica, definindo-se o conjunto por avançado valor espiritual.

Livro de fôlego, mas de fácil comunicação, enriquece, pois, com suas setecentas páginas, a bibliografia especializada em língua portuguesa. "PSICOLOGIA" é o tomo II, do Tratado de Filosofia, de Régis Jolivet (edição da Livraria Agir).

Prof. Vinitius da Costa Rodrigues

HIRSCHBERGER, Johannes, **História da Filosofia Contemporânea.** Trad. e Pref. de Alexandre CORREIA. Ed. Herder, São Paulo, 1963, págs. 320.

Com o presente volume está terminada a publicação da bem conhecida e muito apreciada "História da Filosofia" de Joh. Hirschberger. Tratando este último volume da Filosofia contemporânea, é de particular interesse, não apenas para os entendidos na matéria, mas igualmente para os estudiosos de assuntos gerais da vida e das realidades dos séculos XIX e XX. Os conceitos do "Materialismo", da "Luta de classes", do "Pragmatismo", da "Dialética materialista", etc. são expostos com clareza e singular competência. Como a nossa época se ressentia de idéias confusas em profusão e de chavões, cujo sentido genuíno é frequentemente ignorado, a consideração do desenvolvimento histórico das noções, confrontadas com os critérios inconfundíveis da sã doutrina, conduz, necessariamente, a uma compreensão mais profunda e exata dos verdadeiros valores, libertando muitas inteligências do lusco-fusco das concepções erradas de que foram envolvidas pela deficiência de sua formação espiritual, da ignorância clamorosa da verdade e do meio-ambiente em que morejam e vivem. Oxalá os pregadores dilettantes dos erros mais perniciosos para o povo lessem e estudassem este livro! Os que ainda hoje invocam Nietzsche, Schopenhauer, Comte, Bergson, Blondel, Satre etc., leriam, com vantagem, o que o abalizado autor escreve sobre o fenomenalismo, a néo-escolástica, a filosofia da vida, o existencialismo e neo-positivismo. No apêndice (págs. 225-312), Geraldo Pinheiro Machado dá um conspecto geral da Filo-

sofia no Brasil. Ainda que a nossa contribuição não seja extraordinária, importa conhecer os próprios valores. Este estudo, começando no séc. XVI, termina na atual situação da literatura filosófica brasileira até 1959. A "História da Filosofia Contemporânea", cujos méritos particulares são exaltados em todos os países cultos, é apresentada numa linguagem fluente e bem concatenada na versão do já famoso tradutor Prof. Alexandre Correia. A impressão é mais uma prova de esmero da Ed. Herder, São Paulo. É um trabalho que, sob todos os pontos de vista, se recomenda aos leitores, inclusive religiosos.

Fr. Fr. X.

#### Publicações enviadas à Redação

Pe. P. Hitz CossR. A PREGAÇÃO MISSIONÁRIA DO EVANGELHO. Tradução de Pe. Jorge Soares C.M. (Coleção: Forma Gregis, 2.º). Rio de Janeiro, Ed. Agr, 1962. 284 pgs.

J. H. Vanderveldt e R. P. Odenwald. PSIQUIATRIA E CATOLICISMO. Lisboa, Editorial Aster, (São Paulo, Ed. Herder). 1962. 428 pgs.

João Berthélémy. VISÃO CRISTÁ DO HOMEM E DO UNIVERSO. Trad. de A. Dias da Costa. Lisboa, Livr. Sampedro Edit. (São Paulo, Ed. Herder), 1962. 342 pgs.

MATER ET MAGISTRA. A Igreja Mãe e Educadora. Texto completo da Enciclica de S. S. João XXIII, com data de 15 de Maio de 1961. Introdução, notas e índice analítico dos temas por Pierre Hauptmann, Prefácio de Mons. Ménager. Trad. de Dias da Costa. Lisboa, Livr. Sampedro Edit. (São Paulo, Ed. Herder), 1962. 320 pgs.

Pe. Fernando Bastos de Ávila S. J. NEO-CAPITALISMO, SOCIALISMO, SOLIDARISMO. (Col.: Temas atuais, 18). Rio de Janeiro, Ed. Agr, 1963. 180 pgs.

ANUÁRIO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. XXII — 1962. Rio de Janeiro, 1963. 232 pgs.

REVISTA DE HISTÓRIA. Publicação Trimestral. São Paulo, Rua Maria Antônia, 294 — C. P. 8.105. Nos. recebidos: 49, 50 e 61.

ANALES DE LA FACULDADE DE TEOLOGIA — 1962. N.º 14. Pontifícia Universidad Católica de Chile. Santiago, 1963. 162 pgs.

Gustavo Corção. PATRIOTISMO E NACIONALISMO. Rio de Janeiro. Ed. Presença. 172 pgs.

Suzanne Labin. A GUERRA POLÍTICA. Rio de Janeiro, Ed. Presença. 68 pgs.

Charles Journet. A DOCTRINA DA "CIDADE" SEGUNDO SANTO TOMÁS DE AQUINO. Rio de Janeiro, Ed. Presença, 30 pgs.

Nihil Obstat

Rio de Janeiro, 25 de junho de 1963

Pe. Frei Jacinto de Palazzolo OFMCap.

Censor Eclesiástico